

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

LUIZ FELIPE PEREIRA MENDES

**SPORT CLUB GERMANIA:
PERFIL DE UMA ASSOCIAÇÃO ÉTNICA EM SÃO PAULO ENTRE 1899 E 1945**

**GUARULHOS
2021**

LUIZ FELIPE PEREIRA MENDES

**SPORT CLUB GERMANIA:
PERFIL DE UMA ASSOCIAÇÃO ÉTNICA EM SÃO PAULO ENTRE 1899 E 1945**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciatura em História
Universidade Federal de São Paulo
Orientador: Prof. Dr. Luigi Biondi

**GUARULHOS
2021**

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

MENDES, Luiz Felipe Pereira.

Sport Club Germania: perfil de uma associação étnica em São Paulo entre 1899 e 1945 / Luiz Felipe Pereira Mendes. – 2021. – 67 f.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História). – Guarulhos : Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 2021.

Orientador: Prof. Dr. Luigi Biondi.

Título em inglês: Sport Club Germania: the profile of an ethnic association in São Paulo between the years of 1899 and 1945.

1. Sport Club Germania. 2. Esporte Clube Pinheiros. 3. DEOPS-SP. 4. Imigração alemã. I. Prof. Dr. Luigi Biondi. II. Sport Club Germania: perfil de uma associação étnica em São Paulo entre 1899 e 1945.

LUIZ FELIPE PEREIRA MENDES
SPORT CLUB GERMANIA:
perfil de uma associação étnica em São Paulo entre 1899 e 1945

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciatura em História
Universidade Federal de São Paulo

Aprovação: 18/08/2021

Prof. Dr. Luigi Biondi
Universidade Federal de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Endrica Geraldo
Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Prof. Dr. Fábio Franzini
Universidade Federal de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Tive a sorte de contar, durante toda minha graduação, com diversas pessoas que me deram suporte e me acolheram nos momentos de dificuldade. Não foram anos fáceis, com muito cansaço acumulado pelas jornadas extensas entre o trabalho e as aulas. Sem essas pessoas, não teria sido possível concluir essa trajetória.

Agradeço inicialmente aos meus pais, que estiveram sempre presentes em minha vida, e foram fundamentais em minha caminhada durante todos esses anos. Ao meu irmão e à minha irmã, pelo suporte. Aos meus amigos e amigas de longa data, pelo carinho, compreensão e risadas. Aos amigos e amigas que fiz na Unifesp e que levarei para toda a vida, pelo companheirismo e ajuda durante esses anos.

Agradeço também ao meu orientador, Prof. Dr. Luigi Biondi, pela compreensão e suporte durante a realização desse trabalho. Aos funcionários do Arquivo Público do Estado de São Paulo, sempre solícitos. Às historiadoras do Centro Pró-Memória Hans Nobiling, do Esporte Clube Pinheiros, pela disponibilidade.

Muito obrigado!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo entender como se deu o processo de formação do Sport Club Germania (SCG), a sua importância como um dos atores no desenvolvimento das competições esportivas do início do século XX, bem como compreender o que um dos seus primeiros estatutos apontava para as possibilidades de sociabilidade dentro do clube. Além disso, buscou-se compreender o processo de nacionalização do clube, se existiram embates internos, e com quais elementos a polícia política estava preocupada. Este estudo discorre principalmente através da análise da documentação contida no prontuário do clube do Departamento de Ordem Política e Social (DEOPS-SP), bem como outros tipos documentais e a compreensão das políticas nacionalistas adotadas por Getúlio Vargas durante o Estado Novo.

Palavras-chave: Sport Club Germania. Esporte Clube Pinheiros. DEOPS. Imigração alemã. Estado Novo.

ABSTRACT

The present work aims to understand how the process of formation of Sport Club Germania (SCG) took place, its importance as one of the actors in the development of sports competitions in the early 20th century, as well as to understand what one of the first statutes pointed to the possibilities of sociability within the club. In addition, an attempt was made to understand the club's nationalization process, if there were internal conflicts, and with which elements the political police were concerned. This study focuses mainly on the analysis of the documentation contained in the records of the club of the Political and Social Order Office (DEOPS-SP), as well as other types of documents and the understanding of the nationalist policies adopted by then president Getúlio Vargas during the New State period.

Keywords: Sport Club Germania. Esporte Clube Pinheiros. DEOPS. German immigration. New State.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGD - Associação Graphica de Desportos

APESP - Arquivo Público do Estado de São Paulo

APSA - Associação Paulista de Sports Athléticos

CND - Conselho Nacional de Desportos

DEESP - Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo

DEOPS-SP - Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo

ECP - Esporte Clube Pinheiros

LAF - Liga de Amadores de Football

LPF - Liga Paulista de Foot-Ball

SCG - Sport Club Germania

SCI - Sport Club Internacional

SPAC - São Paulo Athletic Club

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 ALEMÃES EM SÃO PAULO E AS ORIGENS DO SPORT CLUB GERMANIA	11
1.1 OS ALEMÃES EM SÃO PAULO: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO	11
1.2 A FUNDAÇÃO DO SPORT CLUB GERMANIA	17
2 SPORT CLUB GERMANIA: PRIMEIROS ANOS	22
2.1 ORGANIZAÇÃO ESPORTIVA	22
2.2 A SOCIABILIDADE DENTRO DO CLUBE	25
3 GERMANIA DURANTE O PERÍODO VARGAS	36
3.1 O GOVERNO VARGAS E OS IMIGRANTES	36
3.2 O DEOPS-SP E A NACIONALIZAÇÃO SPORT CLUB GERMANIA	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
FONTES	59
BIBLIOGRAFIA	62

INTRODUÇÃO

O pontapé que motivou a realização do presente trabalho foi a possibilidade de trabalhar com o futebol e a História, pensando em sua importância no imaginário social, e em sua presença na política nacional. Nos últimos anos, houve um aumento na produção historiográfica sobre esse esporte, mostrando as possibilidades e os caminhos para se trabalhar com um elemento da cultura popular, diversas vezes relegado ao segundo plano, mas que constitui parte importante da sociabilidade brasileira.

Os anos 1930 e 1940 marcaram mudanças importantes no esporte nacional, sobretudo, a partir de políticas nacionais dirigidas por Getúlio Vargas, que tinham como objetivo o fortalecimento de uma nação e a construção de sua identidade nacional. E o futebol tinha papel importante nesse trabalho de unificação identitária. Neste sentido, legislações foram criadas em defesa do esporte nacional, bem como leis que tinham por objetivo “defender” os trabalhadores brasileiros de ameaças estrangeiras, principalmente de alemães, italianos e japoneses, em movimentos que surgiram a partir do Estado Novo de Vargas, com início em 1937, e que se intensificaram com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1942.

A ideia inicial, portanto, foi de trabalhar justamente com o recorte do Estado Novo, verificando e analisando de que modo as legislações e os desdobramentos dessas políticas impactaram os clubes nascidos em comunidades estrangeiras dentro do Brasil, e que se nacionalizaram a partir da entrada do país no conflito mundial. Entretanto, diversos trabalhos acadêmicos, citados ao longo desta monografia, foram produzidos nos últimos anos sobre esse tema. As pesquisas, porém, se concentram sobre os grandes clubes do futebol paulista e nacional, como a Sociedade Esportiva Palmeiras, antigo Palestra Itália, e o Sport Club Corinthians Paulista. Por se tratarem de clubes muito fortes, com torcidas na casa dos milhões e que sempre disputam os maiores títulos do futebol nacional, é compreensível que o interesse por eles também seja maior.

Sendo assim, escolheu-se trabalhar com outro clube nacionalizado durante o Estado Novo, nascido no seio da comunidade teuto-brasileira em São Paulo: o Sport Club Germania (SCG), atual Esporte Clube Pinheiros (ECP). Embora seja um clube que tenha abandonado as disputas de futebol, não seguindo o caminho da profissionalização da década de 1930, teve papel importante no desenvolvimento do esporte na cidade de São Paulo durante os primeiros anos do *football*, e hoje possui grande tradição em esportes olímpicos, formando diversos atletas que participaram e participam dos Jogos Olímpicos com as cores brasileiras. Ainda que seja

citado algumas vezes nesses trabalhos, não há uma produção acadêmica que se concentre sobre o clube e sobre os documentos disponíveis desse período.

Inicialmente, a proposta da presente monografia se concentraria apenas na documentação produzida pelo Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS-SP) acerca do clube, de modo que o recorte inicial se daria entre os anos de 1937 e 1945, período que também compreende o Estado Novo de Getúlio Vargas. Ter a oportunidade de visitar o Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP) e poder colher informações não só sobre o prontuário do clube, mas também sobre as pessoas que estavam ali presentes, as possíveis relações entre elas, e mesmo os prontuários de outros clubes desportivos, mesmo que não fizessem parte da comunidade teuto-brasileira, para comparar a atuação da polícia política, seria de extrema valia para o desenvolvimento do trabalho.

Infelizmente, por conta da pandemia do novo coronavírus, esse trabalho não pôde ser realizado como fora pensado. Desta forma, considerando que o prontuário do Germania já havia sido consultado, ainda em 2019 — e com autorização dos funcionários da APESP, fotos dos documentos foram tiradas —, decidiu-se por ampliar o escopo do trabalho, de modo que não só o período de nacionalização do clube seria abarcado, 1937-45, mas também as suas origens, os anos iniciais do clube e as motivações por trás da criação do clube em 1899, capitaneado por Hans Nobiling. Para tal, nos valem também de documentos produzidos internamente pelo clube, além de notas e publicações do jornal Correio Paulistano, de publicação diária desde o fim do século XIX.

No primeiro capítulo, realiza-se uma pequena introdução acerca da imigração alemã em São Paulo, de modo a compreender o contexto no qual o clube se inseriu, utilizando-se de bibliografia disponível de ser consultada de maneira online, considerando o período sanitário que vivemos. Além disso, ainda neste capítulo procurou-se abordar as origens do Sport Club Germania, que se iniciou a partir da vontade do imigrante alemão Hans Nobiling em formar um time para disputar *matches* de *football* em sua nova cidade, São Paulo. Para trabalhar com esse período, utiliza-se tipos documentais diversos, como documentos internos do clube, publicações do Correio Paulistano e também uma carta de memória do próprio Hans Nobiling

O segundo capítulo foca na organização do clube nos seus primeiros anos de vida. Procura-se entender a sua importância como um dos atores no desenvolvimento das competições esportivas do início do século XX, bem como compreender o que um dos seus primeiros estatutos apontava para as possibilidades de sociabilidade dentro do clube, assim como a sua participação nas ligas de futebol daquele período.

Na terceira e última parte, utilizou-se a documentação arquivada no prontuário do clube e organizada pela polícia política, através do DEOPS-SP. Através, também, de fontes oficiais, como legislações do período, bem como documentos internos do clube, e a compreensão das políticas do Getúlio Vargas durante o Estado Novo, tentamos entender como se deu o processo de nacionalização do clube, se existiram embates internos, e com quais elementos a polícia política estava preocupada.

1 ALEMÃES EM SÃO PAULO E AS ORIGENS DO SPORT CLUB GERMANIA

1.1 OS ALEMÃES EM SÃO PAULO: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

A chegada de imigrantes alemães em solo brasileiro tem início nas primeiras décadas do século XIX. A partir do desembarque da corte portuguesa ao Brasil, em 1808, bem como da abertura dos portos às nações amigas¹ por parte da Coroa, tem-se um momento propício ao comércio, que se abriu aos estrangeiros, atraindo europeus, entre eles alguns poucos alemães. Segundo Giralda Seyferth, “os primeiros alemães classificáveis como imigrantes se estabeleceram no Rio de Janeiro, a partir de 1808, com atuação no comércio de exportação e importação”². Esses poucos alemães a desembarcarem no Brasil nesse primeiro momento eram de inserção mais urbana, enquanto nas décadas seguintes, contingentes maiores chegaram ao país para o processo de colonização instituído por D. João VI ainda antes da Independência³, ocupando regiões mais afastadas, em terras voltadas à produção agrícola, sobretudo na região sul do país.

O ano de 1820 marca o início da imigração alemã de maneira mais sistematizada por outras regiões do Brasil, a partir do decreto de 16 de março de D. João VI, embora em 1818 os alemães já integrassem a primeira colônia voltada a esse fim, na Bahia⁴. Segundo Silvia Siriani, no documento constava o incentivo explícito à “entrada de indivíduos alemães e aqueles “de outros países” que considerassem oportuno se estabelecerem em território brasileiro”. Ainda segundo a autora, o decreto, entretanto, “não explicitava o porquê de tal posicionamento em relação ao alemão”⁵, embora se possa discutir elementos importantes a partir de tais medidas, como, por exemplo, a relação amistosa entre os governos com a Coroa portuguesa.

Por seu caráter pioneiro, Seyferth argumenta que

É quase impossível desvincular imigração alemã e colonização: os alemães tiveram primazia como “colonos estrangeiros” na primeira metade do século XIX, deram feição étnica à sociedade formada pelo complexo colonial, que persistiu mesmo nas áreas compartilhadas com outros imigrantes, e as dificuldades e contratemplos

¹ SIRIANI, Silvia Cristina Lambert. **Os descaminhos da imigração alemã para São Paulo no século XIX: aspectos políticos**. Revista USP [Almanack Braziliense], n. 2 (2005), pp. 91-100. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alb/article/view/11621/13390>>. Acesso em: 31 jul. 2021. p. 92.

² SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In: FAUSTO, Boris (orgs.). **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 273.

³ Ibidem. p. 273.

⁴ Ibidem. p. 273.

⁵ SIRIANI, Silvia Cristina Lambert. **op. cit.** p. 92.

enfrentados ao longo do período de ocupação territorial ajudaram a elaborar a figura do *pioneiro* com feições étnicas derivadas de um *ethos* camponês.⁶

Em São Paulo, os primeiros registros de desembarque de imigrantes alemães voltados à colonização datam de 1827, vindos na galera *Maria* que ancorou no porto de Santos. Segundo Adriane Baldin, havia na embarcação “226 imigrantes alemães, de origens diversas”, “que vieram a pedido do imperador, para povoar o interior próximo à capital”⁷. Esses alemães faziam parte dos “núcleos de Santo Amaro e Itapecerica fundados em 1827 e 1829”⁸. Esses núcleos passaram a se desenvolver a partir da chegada de mais imigrantes alemães. Além do fluxo já citado de 1827, houve também o desembarque de “mais de 900 indivíduos, no ano de 1828”⁹.

Em geral, os processos de imigração não foram guiados totalmente pela Coroa, que designou empresas para realizarem a propaganda das vantagens da nova terra aos alemães, além da responsabilidade pela instalação das famílias em solo brasileiro. Diversas autoras citam as iniciativas encabeçadas por Georg Anton von Schaeffer no início do processo de colonização. Como destaca Siriani,

O pioneiro nesse sistema de arregimentação de imigrantes para o Brasil foi o major alemão Georg Anton von Schaeffer, um mercenário a serviço do Imperador D. Pedro I, enviado, secretamente, à Europa para tentar angariar não apenas a simpatia dos governos alemães em relação à causa do Brasil, como a contratação de soldados para lutar nas guerras de independência. Também deveria arrebatar colonos para o povoamento da região meridional do país, uma contratação de caráter estratégico, visto serem as fronteiras da região sul as mais constantemente ameaçadas desde os primórdios do período colonial.¹⁰

Schaeffer foi o primeiro, mas esse tipo de agenciamento se tornou padrão no período, com o governo imperial contratando os agenciadores, “que não hesitaram em oferecer vantagens não previstas nos programas de colonização”¹¹. Ao fazerem essas promessas, sobretudo para as camadas mais baixas das regiões alemãs visitadas, esses “empresários”

⁶ SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In: FAUSTO, Boris (orgs.). **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 285.

⁷ BALDIN, Adriane de Freitas Acosta. **A presença alemã na construção da cidade de São Paulo entre 1820 e 1860**. 2012. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 39.

⁸ SIRIANI, Silvia Cristina Lambert. **Os descaminhos da imigração alemã para São Paulo no século XIX: aspectos políticos**. Revista USP [Almanack Braziliense], n. 2 (2005), pp. 91-100. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alb/article/view/11621/13390>>. Acesso em: 31 jul. 2021. p. 92.

⁹ BALDIN, Adriane de Freitas Acosta. **op. cit.** p. 49.

¹⁰ SIRIANI, Silvia Cristina Lambert. **op. cit.** p. 95.

¹¹ SEYFERTH, Giralda. **op. cit.** p. 277.

criavam falsas expectativas, muitas vezes percebidas pelos imigrantes após deixarem sua terra natal. Segundo Siriani,

Ao embarcarem nos navios, os emigrantes já percebiam que as promessas dos agenciadores se mostravam falsas. Entulhados em acomodações imundas e mal ventiladas, com poucas provisões para aguentar uma travessia que poderia durar de três a quatro meses, não é de se admirar que muitos nem chegassem a pisar no tão sonhado solo brasileiro.¹²

Esse tipo de negócio tinha como objetivo a atração dos camponeses, vistos como trabalhadores ideais para o tipo de empreendimento colonial que se praticava. Entretanto, não foram o único grupo a desembarcar em solo brasileiro. Segundo Seyferth, “as informações disponíveis na documentação das administrações coloniais mostram uma certa heterogeneidade” nos grupos. Além dos camponeses e artesãos, chegaram também “artífices, operários e outros trabalhadores urbanos, professores, refugiados políticos e até indivíduos com recursos financeiros que puderam dedicar-se às atividades comerciais e industriais”¹³.

No primeiro caso de chegada de imigrantes em São Paulo, que se instalaram em Santo Amaro e Itapeverica nos anos de 1827 a 1829, era comum a presença de imigrantes que possuíam outras profissões antes de chegarem ao Brasil. Deste modo, como destaca Baldin, muitos “não permaneceram no campo”, se fixando “na cidade de São Paulo” e exercendo “profissões urbanas, entre eles, muitos artífices da construção civil”¹⁴. Neste sentido, a presença dos imigrantes alemães nas cidades, como ressalta Seyferth, em um primeiro momento, sobretudo em São Paulo, era “oriunda dos projetos de colonização”¹⁵, e não de uma imigração direcionada aos centros urbanos.

No caso específico de São Paulo, “a presença alemã em empreendimentos coloniais foi muito pequena”, sobretudo se compararmos com as regiões mais ao sul do país. Na década seguinte, “a província de São Paulo promoveu duas vezes a imigração de alemães, em 1836 e 1838”¹⁶. Segundo Baldin, dessa leva, muitos “tinham profissões ligadas à construção civil”.

¹² SIRIANI, Silvia Cristina Lambert. **Os descaminhos da imigração alemã para São Paulo no século XIX: aspectos políticos**. Revista USP [Almanack Brasileiro], n. 2 (2005), pp. 91-100. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alb/article/view/11621/13390>>. Acesso em: 31 jul. 2021. p. 96.

¹³ SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In: FAUSTO, Boris (orgs.). **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 280.

¹⁴ BALDIN, Adriane de Freitas Acosta. **A presença alemã na construção da cidade de São Paulo entre 1820 e 1860**. 2012. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 39.

¹⁵ SEYFERTH, Giralda. **op. cit.** p. 285.

¹⁶ BALDIN, Adriane de Freitas Acosta. **op. cit.** p. 53.

Eram eles “serralheiros, pedreiros e marceneiros”. Mesmo outros tipos de trabalhos mais urbanos podiam ser vistos, tais como “alfaiates, músicos e cabeleiros”¹⁷. Diferentemente da primeira leva, neste caso o objetivo não era apenas a agricultura, mas também “para a construção de estradas e obras públicas”¹⁸ na capital.

No trabalho de Baldin, voltado à compreensão da presença de artífices alemães na cidade de São Paulo, a autora destaca também o fluxo imigratório da década de 1850, que assim como o da década de 1830, se voltou para a importação de mão de obra para a construção civil, em um momento de expansão da cidade. Nesse período, no interior da província, tem-se o registro também da imigração de alemães, a partir de 1847, através das chamadas parcerias¹⁹ — modelo em que o fazendeiro bancava o início do colono no país, e este trabalhava na produção agrícola até que ele repusesse os gastos iniciais; a partir de então, o lucro seria dividido entre colono e fazendeiro.

Sem subsídio imperial, nas décadas seguintes houve uma diminuição no fluxo migratório para o Brasil, e em especial para São Paulo. Como ressalta Siriani,

Em 1859, o governo prussiano emitiu uma proibição que ficou conhecida como *Rescrito Heidt*. Este decreto vetava a emigração para o Brasil, principalmente para a província de São Paulo, diminuindo o número de entradas de imigrantes, mas não cessando por completo.²⁰

Entre os motivos para a diminuição desse fluxo estava também os preços das passagens, que chegavam a ser o dobro em comparação com as passagens para os Estados Unidos da América, em cidades como Nova Iorque e Nova Orleans²¹. Em geral, as décadas de 1860, 1870 e 1880 marcaram uma irregularidade no fluxo migratório para a província de São Paulo, ora com subsídio, em que o número de imigrantes que aqui chegavam se elevava, ora sem subsídio, com o número de desembarques caindo vertiginosamente. Mesmo a partir da criação de uma empresa privada com o objetivo de facilitar a vinda de estrangeiros, essa irregularidade se manteve. No caso dos alemães, em específico, mesmo quando o fluxo de

¹⁷ BALDIN, Adriane de Freitas Acosta. **A presença alemã na construção da cidade de São Paulo entre 1820 e 1860**. 2012. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 53.

¹⁸ *Ibidem*. p. 54.

¹⁹ SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. *In*: FAUSTO, Boris (orgs.). **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 278.

²⁰ SIRIANI, Silvia Cristina Lambert. **Os descaminhos da imigração alemã para São Paulo no século XIX: aspectos políticos**. Revista USP [Almanack Braziliense], n. 2 (2005), pp. 91-100. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alb/article/view/11621/13390>>. Acesso em: 31 jul. 2021. p. 97.

²¹ *Ibidem*. p. 98.

imigrantes europeus se elevou, sobretudo após a abolição da escravidão, os números de pessoas era baixo se comparado, por exemplo, aos italianos. Segundo Siriani, “entre os anos de 1882 e 1894, desembarcaram na província 399.469 imigrantes, dos quais apenas 6.553 eram alemães, contra 296.340 italianos”²².

Em comum nesses fluxos de imigrantes alemães durante o século XIX, foi o abandono do governo imperial em relação à infraestrutura para acolhimento e assimilação dessa população junto aos brasileiros. As autoras aqui abordadas apontam para a falta de escolas, igrejas, ou mesmo atendimento médico, por exemplo, que contribuíam para o isolamento de algumas colônias. Neste sentido, cabe ressaltar o caráter comunitário que, segundo Seyferth, ajudou na proliferação nas colônias de “associações beneficentes e assistenciais, para atendimento médico-hospitalar, socorro mútuo, orientação técnica para os colonos, etc.". Segundo a autora, “juntamente com outros indicadores da origem étnica, resultou numa organização comunitária voltada para dentro dos limites do grupo étnico”²³. As próprias escolas fundadas pelos alemães que aqui residiam também faziam parte desse rol de atividades desempenhadas por esses grupos:

A escola alemã, portanto, foi criada para atender às necessidades de ensino elementar de uma população estrangeira, mas aos poucos tomou uma feição étnica, assumida na configuração da etnicidade como instrumento da germanidade e perpetuadora da língua e cultura alemãs. Nessa perspectiva, objetivava educar os filhos dos imigrantes como cidadãos brasileiros pertencentes à etnia (ou nação) alemã, dando-lhes uma consciência étnica.

O mesmo princípio de preservação da germanidade num contexto brasileiro aparece nas associações culturais, recreativas e esportivas, entre as quais se destacaram três tipos — *Schützenverein* (Sociedade de Atiradores), *Turnverein* (Sociedade de Ginástica) e *Gesangverein* (Sociedade de Cantores), símbolos de um estilo de vida germânico, expressando a *Deutschtum*.

(...)

As associações também se organizaram em federações, formando uma grande rede que ligava as diversas colônias entre si, inclusive as estabelecidas nas capitais.²⁴

Na década de 1930, por exemplo, em todo o Brasil, estima-se a existência de “1.260 escolas alemãs, somando mais de 50 mil alunos”²⁵. Para Seyferth,

²² SIRIANI, Silvia Cristina Lambert. **Os descaminhos da imigração alemã para São Paulo no século XIX: aspectos políticos**. Revista USP [Almanack Brasileiro], n. 2 (2005), pp. 91-100. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alb/article/view/11621/13390>>. Acesso em: 31 jul. 2021. p. 99.

²³ SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In: FAUSTO, Boris (orgs.). **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 291-292.

²⁴ Ibidem. p. 292.

²⁵ DIETRICH, Ana Maria. **Caça às Suásticas: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007. 388 p. (Histórias da Repressão e da Resistência, 2). p. 246.

O uso cotidiano da língua alemã, a intensidade da vida associativa, a rede escolar particular, a imprensa e outras publicações periódicas, inclusive a produção literária, pelas apregoadas vinculações com ideais de germanidade, ajudaram a construir uma etnicidade teuto-brasileira e serviram como limites inclusivos do grupo étnico.²⁶

Esses elementos não ficaram restritos às áreas rurais de colonização, sendo observáveis também nas regiões urbanas²⁷, como era o caso de São Paulo, local com certo nível de concentração de alemães, muitos oriundos das colônias nos fluxos mencionados anteriormente. Já no século XX, com o aumento dessa concentração, sobretudo no pós-Primeira Guerra, temos uma série de associações étnicas teuto-brasileiras. Ainda segundo Seyferth,

Os imigrantes que entraram depois da Primeira Guerra Mundial procuraram mais os centros urbanos e muito menos a inserção em áreas rurais, embora seja difícil precisar isso em termos estatísticos. A maior concentração ocorreu em São Paulo, após 1918. De acordo com Fouquet (1974: 50), em 1920 existiam ali cerca de vinte mil alemães, e na década de 1930 esta “colônia” possuía 14 escolas (classificadas como teuto-brasileiras), além de diversas instituições beneficentes, imprensa étnica, clubes e associações culturais, etc.²⁸

Embora a vinda de alemães tenha sido baixa em comparação aos italianos, nos aspectos comerciais a ligação entre Brasil e Alemanha se solidificava no início do século XX, sendo Hamburgo uma das cidades de maior importância na relação com o café brasileiro, exportados pela Theodor Wille & Cia, com sede na cidade. Como ressaltado por Stefan Rinke:

Sem dúvida, assistimos a um *boom* de investimento de capital alemão no Brasil até 1914. Esses investimentos serviram de base para o rápido crescimento da troca comercial nesse período. O Brasil se tornou o segundo maior parceiro no comércio germano-latino-americano em 1914 e a participação alemã aumentava continuamente. No cenário brasileiro, podemos dizer o mesmo. A Alemanha ocupava o segundo lugar, só perdendo para a Inglaterra, mas a distância entre os dois ficava cada vez menor. A cidade de Hamburgo era o maior mercado europeu para o café brasileiro.²⁹

Esse tipo de organização, posteriormente, seria também um dos motivos para a perseguição realizada pelo Estado Novo. Segundo Endrica Geraldo, “as principais críticas contra esses núcleos condenavam a sua forte organização a partir de escolas, igrejas, imprensa

²⁶ SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In: FAUSTO, Boris (orgs.). **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 295.

²⁷ Ibidem. p. 297.

²⁸ Ibidem. p. 285.

²⁹ RINKE, Stefan. **Alemanha e Brasil, 1870-1945: uma relação entre espaços**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos [online]. 2014, v. 21, n. 1, pp. 299-316. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702014005000007>>. Acesso em: 09 ago. 2021. p. 4.

e inúmeras associações, as quais pareciam garantir uma unidade linguística e cultural no interior das colônias”³⁰. Como veremos a seguir, o Sport Club Germania era um desses espaços de sociabilidade entre uma parte dos imigrantes alemães residentes na cidade de São Paulo, em que elementos de um *ethos* alemão entre os teuto-brasileiros era celebrado, com uso frequente do idioma alemão, por exemplo, tendo um papel central em sua organização étnica, assim como Hamburgo também possuía fortes ligações com aqueles jovens que fundaram o clube, tendo papel central inclusive em seus empregos.

1.2 A FUNDAÇÃO DO SPORT CLUB GERMANIA

Nas últimas décadas do século XIX, a prática esportiva dava os seus primeiros passos de maneira mais organizada em solo brasileiro. Ainda que restrita a uma parcela mais abastada da sociedade, alguns clubes de remo surgiram na virada da década de 1880 para 1890, e as primeiras competições de natação, por exemplo, ocorreram já em fins do século³¹. O futebol era um dos esportes que começavam a engatinhar no Brasil com auxílio de jovens que traziam do continente europeu bolas e as regras do jogo, o que ajudou na disseminação do esporte bretão. Charles Miller, brasileiro de ascendência britânica, é considerado o grande pioneiro do futebol no país, embora suas contribuições tenham se realizado apenas em São Paulo. Tendo regressado ao Brasil em 1894 após anos de estudos na Inglaterra, Miller buscou convencer os associados do São Paulo Athletic Club (SPAC), clube voltado à prática do críquete da cidade de São Paulo, a aderirem ao futebol e ao *rugby*, obtendo sucesso somente dois anos depois, em 1896³². Além de Miller, há também o reconhecimento do pioneirismo de Oscar Cox, também brasileiro de ascendência britânica, no Rio de Janeiro, local em que ele promovia jogos e tentava “despertar em seus amigos o interesse pelo novo esporte”³³. Cox tem sua importância também por ser um dos fundadores do Fluminense Football Club, clube tradicional do esporte, em 1902.

³⁰ GERALDO, Endrica. **O "perigo alienígena": política imigratória e pensamento racial no governo Vargas (1930-1945)**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2007. p. 5.

³¹ CALDAS, W. **Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro**. Revista USP, [S. l.], n. 22, p. 40-49, 1994. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i22p40-49. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26958>. Acesso em: 16 jan. 2021. p. 42.

³² GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 27.

³³ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. 1998. 380f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências

Porém, para além desse reconhecimento, Fernando Atique, Diógenes Sousa e Hennan Gessi ressaltam que a tese do pioneirismo é refutada por alguns estudiosos contemporâneos. Embora ressaltem a importância, por exemplo, de Miller na sistematização do esporte, isto é, na utilização de regras comuns, oriundas do *association football* jogado pelos britânicos até então, reconhecem também que o esporte já vinha sendo praticado em alguns colégios na década de 1880. Segundo os autores,

A visão mais tradicional sobre a história do futebol parte do pressuposto de que Charles Miller foi o seu introdutor. Essa narrativa ainda apresenta a alegação de que antes de sua chegada ao país, em 1894, o esporte não havia sido difundido e organizado por aqui. A "paternidade" da introdução do futebol atribuída a Miller é refutada por estudiosos contemporâneos devotados à história do futebol. Um desses autores, José Moraes dos Santos Neto, em sua obra *Visão do jogo: os primórdios do futebol no Brasil*, expõe a tese de que, desde os anos 1880, muitos colégios de elite - sobretudo os dirigidos por jesuítas, como o São Luís, estabelecido, na época, na cidade de Itu - já haviam introduzido o esporte na grade curricular. De fato, nos primórdios do futebol em São Paulo, o papel fundamental de Charles Miller foi ter iniciado a prática da Association football, surgida na Inglaterra, em 1863, pela necessidade da padronização do jogo que possuía regras distintas entre as escolas britânicas.³⁴

Segundo Leonardo Affonso de Miranda Pereira, apesar de sua “participação decisiva na consolidação do futebol brasileiro, eles são parte de um processo mais amplo que fez com que, em todo o mundo, esse jogo tenha se transformado em um verdadeiro fenômeno”³⁵. E se cabe a Miller e Cox um certo destaque, com as ressalvas necessárias, há também outro jovem rapaz que possui a sua importância nos primórdios do futebol em terras paulistanas: Hans Nobiling. Jovem alemão que desembarcou no Brasil em 1897, Nobiling era ex-jogador do *Sportclub Germania zu Hamburg*, clube alemão de Hamburgo — que posteriormente se fundiu a outros dois, formando o atual *Hamburger Sport-Verein e. V.*, campeão europeu de futebol em 1983. No Brasil, Nobiling buscou montar um time para continuar praticando o esporte em seu novo lar. Sem muito sucesso inicialmente, a sua primeira empreitada foi reunir alguns rapazes no time que comumente é registrado em livros e documentos como *Hans Nobiling Team*, que

Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280018>>. Acesso em: 16 jan. 2021. p. 12.

³⁴ ATIQUE, Fernando; SOUSA, Diógenes e GESSI, Hennan. **Uma relação concreta**: A prática do futebol em São Paulo e os Estádios do Parque Antarctica e do Pacaembu. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material* [online]. 2015, v. 23, n. 1, pp. 91-109. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02672015v23n0104>>. Acesso em: 07 nov. 2019. p. 92.

³⁵ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 1998. 380f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280018>>. Acesso em: 16 jan. 2021. p. 13-14.

demorou vários meses para ser completado, segundo o próprio Nobiling, em uma carta de memórias³⁶, por dificuldades em encontrar outros jovens que praticassem o *football association*.

Naquele momento, em São Paulo, somente no São Paulo Athletic Club se praticava o futebol com as regras importadas do continente europeu, mas de maneira recreativa entre os próprios associados ou contra outras associações anglo-brasileiras. Neste sentido, os caminhos trilhados por Nobiling ajudaram, em partes, na mudança de panorama, uma vez que propôs partidas entre o seu time e os rapazes do SPAC e, embora não tenha realizado o primeiro jogo de seu time contra eles, a sua insistência, juntamente com outros rapazes, alterou aquele modelo existente e ainda bem incipiente de partidas internas entre a comunidade de origem britânica. Em suas próprias palavras, Nobiling diz que ao chegar no Brasil, “o jogo de futebol era mesmo desconhecido por completo em S. Paulo”, exceto, como ele mesmo pontua, pela colônia inglesa paulistana. “Jogavam-se a cada ano”, continua Nobiling, “duas partidas de futebol, entre os quadros do São Paulo Athletic Club, e se não me engano, do S. Paulo Railway Cricket Club, sendo uma partida de futebol *association* e outro de futebol *rugby*”³⁷. O desenvolvimento do futebol em São Paulo tem correlação com o interesse pelo esporte, que era crescente entre os jovens. Como ressalta Wilson Gambeta,

Decerto havia receptividade para certas modas importadas, bem como uma seleção delas através das preferências coletivas. O fato é que diversos esportes vingaram, enquanto outros desapareceram. Os indivíduos agem em correlação uns com os outros. Ensinar aos amigos as regras de um jogo importado não seria suficiente para que ele se vulgarizasse e que ganhasse espontaneamente a forma de espetáculos. Basta citar um exemplo de esquecimento: Charles Miller trouxe o *rugby* na mesma bagagem e também o introduziu no SPAC. Esse fato sequer é lembrado hoje em dia, pois essa modalidade de futebol, jogado também com as mãos, não se firmou por aqui. Nesse caso o interesse pessoal do atleta não repercutiu com a mesma intensidade na coletividade.

Os agentes de modernização, como Miller, não eram excepcionais. O fluxo de estudantes e funcionários entre a Europa, ou a América do Norte, e o Brasil foi constante e numeroso.³⁸

³⁶ A carta escrita por Hans Nobiling, em 1937, e endereçada ao cronista Paulo Varzea, está disponível em: GAMBETA, Wilson Roberto. **Primeiros Passes**: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918). São Paulo: Ludens & Biblioteca Mário de Andrade, 2014.

³⁷ NOBILING, Hans. Primórdios e dados históricos da implantação do futebol em São Paulo. 1937. In: GAMBETA, Wilson Roberto. **Primeiros Passes**: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918). São Paulo: Ludens & Biblioteca Mário de Andrade, 2014. p. 38.

³⁸ GAMBETA, Wilson Roberto. **A bola rolou**: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895/1916). 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.8.2014.tde-01102014-162931. Acesso em: 17 jan. 2021. p. 14.

A montagem completa do time de Hans Nobiling acontece no ano de 1899. O Hans Nobiling Team possui registros de algumas partidas realizadas neste ano, poucos meses antes da fundação do Sport Club Germania. No dia 21 de abril, vitória por um a zero sobre o Associação Atlética Mackenzie College — clube voltado à prática do futebol e formado em 1898 por estudantes e ex-estudantes do colégio, em sua maioria brasileiros³⁹ —, e no dia três de maio, contra o mesmo adversário, empate com um gol para cada lado. Os times jogaram mais uma vez no dia 14 de julho, e o resultado foi também um empate em 1x1. Há o registro de uma partida realizada anteriormente, no dia 25 de março, também contra o AA Mackenzie College. Neste primeiro jogo, entretanto, o Hans Nobiling Team teria entrado em campo com apenas nove jogadores⁴⁰. Além dos amistosos contra o AA Mackenzie College, o time capitaneado por Nobiling enfrentou também o SPAC em duas oportunidades. Na primeira, no dia 29 de junho, com derrota por um a zero, e no dia 30 de julho derrota por 4x1⁴¹.

Em carta endereçada ao cronista Paulo Varzea, Hans Nobiling, em 1937, recorda que ao chegar no Brasil sua intenção era “fundar um clube que fosse uma espécie de irmão do clube de Hamburgo, o *S. C. Germania*”⁴². O Hans Nobiling Team era a semente dessa ideia e, realizados os jogos amigáveis no ano de 1899, os jovens que compunham o time se organizaram para fundar um clube e,

Poucas semanas depois daqueles encontros, a 19 de agosto de 1899 (é preciso que não se confunda que até então os quadros que jogavam o futebol aqui eram apenas quadros e não clubes, excepto o *team* inglês), efectuava-se na casa da sra. viúva Villa Real, á rua Senador Queiroz, 5, nesta capital, a primeira tão memoravel reunião convocada entre rapazes nacionaes e estrangeiros, amantes do futebol, para o fim de fundar um clube. Compareceram a essa reunião 21 pessoas, a saber: Leopoldo Villa Real, Julio Villa Real, Charles Holland, William Holland, G. Edwards, Henrique Vanorden, Reneé Vanorden, Carlos Brasche, Otto Krischke, Alberto Savoy, Ernest Ey, Antonio de Campos, Frank Robottom, Andrew Robottom, Kurt Hartling, G. Dunlop, Franz Mikulasch, José Souto Mayor, Hermann Wahnschaffe, Rudolf Wahnschaffe e Hans Nobiling. Deliberada a fundação, procedeu-se a votação para a escolha do seu nome. Houve duas propostas. Uma propondo a escolha do nome de *S.C. Internacional*, e

³⁹ Cf. GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2010. & GAMBETA, Wilson Roberto. **A bola rolou**: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895/1916). 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.8.2014.tde-01102014-162931. Acesso em: 17 jan. 2021.

⁴⁰ GAMBETA, Wilson Roberto. **A bola rolou**: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895/1916). 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.8.2014.tde-01102014-162931. Acesso em: 17 jan. 2021. p. 151.

⁴¹ CUNHA, Moisés. **Os primeiros jogos do futebol brasileiro - de 1895 a 1902**. Campinas, SP: Moisés Henrique Gonçalves da Cunha, 2017. p. 17-18.

⁴² NOBILING, Hans. Primórdios e dados históricos da implantação do futebol em São Paulo. 1937. In: GAMBETA, Wilson Roberto. **Primeiros Passes**: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918). São Paulo: Ludens & Biblioteca Mário de Andrade, 2014. p. 39.

outra a de *S.C. Germania*, sendo que esta foi feita por mim. Procedida a votação, que foi secreta, o resultado foi este: 15 votos a favor do nome Internacional, e 5 pelo nome de Germania, e 1 voto em branco. Este resultado foi para mim decepcionante uma vez que tanto eu trabalhara para a convocação dessa reunião e esperava que della saísse triunfante o nome que eu suggeri para o clube. Vira desse modo meus esforços ditabicos [sic] de dois anos destroçados.⁴³

Estava fundado um clube de futebol, o Sport Club Internacional (SCI), mas como podemos observar em suas memórias, Nobiling se decepcionou com o resultado da votação, uma vez que ia em direção contrária à idealização de formar um clube “irmão” daquele em que jogava nos seus tempos de residente em Hamburgo. Além dele, deixaram a reunião contrariados os irmãos Wahnschaffe, Rudolph e Hermann, ambos sem concordar com a “identidade pluralista” do SCI — embora, cabe ressaltar, fosse um nome que fizesse mais sentido dada a composição de nacionalidades entre os seus fundadores, mesmo que parte significativa fosse composta por alemães ou mesmo brasileiros filhos de alemães.

Os irmãos Wahnschaffe residiam no bairro da Mooca e tinham uma origem familiar mais abastada em comparação com Hans Nobiling. Eram filhos do comerciante hamburguês dono da *Rudolfo Wahnschaffe & Comp*, importadora e distribuidora “de bebidas e materiais para construção civil”⁴⁴, enquanto Nobiling fora “funcionário de uma casa exportadora no porto de Hamburgo quando imigrou para o Brasil, com dezenove anos de idade”. Já em terras brasileiras, trabalhou como “balconista de uma farmácia” durante dois anos, “depois iniciou a carreira de bancário”⁴⁵. Unidos pela discordância em relação ao nome do SC Internacional, “no mês seguinte fundaram o Sport Club Germania”⁴⁶, com as cores preto e azul, as mesmas do *Sportclub Germania zu Hamburg*, desta vez reunidos na casa dos irmãos Rudolph e Hermann, no dia 07 de setembro de 1899. Em pesquisa no acervo virtual do Instituto Martius-Staden⁴⁷, outros dois nomes aparecem relacionados ao Germania: Jorge Riether e Ernst Deininger, juntamente com os já citados irmãos Wahnschaffe e Hans Nobiling. Porém, até o presente momento, não foram encontrados documentos que possam atestar que foram também fundadores do clube.

⁴³ NOBILING, Hans. Primórdios e dados históricos da implantação do futebol em São Paulo. 1937. In: GAMBETA, Wilson Roberto. **Primeiros Passes**: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918). São Paulo: Ludens & Biblioteca Mário de Andrade, 2014. p. 42.

⁴⁴ GAMBETA, Wilson Roberto. **A bola rolou**: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895/1916). 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.8.2014.tde-01102014-162931. Acesso em: 17 jan. 2021. p. 166.

⁴⁵ Ibidem. p. 166.

⁴⁶ Ibidem. p. 152.

⁴⁷ Instituto Martius-Staden. Disponível em: <<http://acervo.martiusstaden.org.br/>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

2 SPORT CLUB GERMANIA: PRIMEIROS ANOS

2.1 ORGANIZAÇÃO ESPORTIVA

A fundação do Sport Club Germânia foi guiada pela prática esportiva do *football*, esporte que dava seus primeiros passos na virada do século XIX para o século XX. Ao lado do São Paulo Athletic Club, Associação Atlética Mackenzie College, Club Athletico Paulistano e do Sport Club Internacional, o Germania teve participação na fundação da primeira entidade responsável pela organização do esporte em São Paulo, a Liga Paulista de *Foot-Ball* (LPF). Além disso, fez também a primeira partida oficial organizada pela Liga, no dia 03 de maio de 1902, válida pelo campeonato paulista daquele ano⁴⁸, com derrota por 2 a 1 para a equipe do Mackenzie. Porém, como o próprio nome do clube nos indica, a prática esportiva não se limitava a apenas um esporte. Como ressalta Wilson Gambeta, a própria escolha pelo “*sport club*” já denotava esse caminho — de práticas esportivas diversas — e mostrava também a “preferência pelos esportes ingleses”, uma oposição às sociedades de ginástica — “*turnverein*” — que existiam até então. Segundo o autor,

O conceito de *club* pressupunha uma organização mais igualitária e a participação espontânea em jogos, oposta às estruturas hierarquizadas e aos exercícios sob comando praticados pelas sociedades de ginastas alemães que existiam na cidade.⁴⁹

No primeiro estatuto⁵⁰ do SCG a que temos acesso, datado de 1904, estão contidas algumas diretrizes que guiaram o clube nos anos seguintes, tanto em relação à prática esportiva quanto à organização do próprio clube. Logo em sua abertura, ao proclamar a denominação de Sport Club Germania, os objetivos do clube são apresentados: “promover os esportes de todas as modalidades”, através da “realização de jogos esportivos e de corridas”, “assembléias periódicas” e “reuniões sociais e excursões”⁵¹. Ficava claro, portanto, que a ideia da diretoria

⁴⁸ CUNHA, Moisés. **Os primeiros jogos do futebol brasileiro - de 1895 a 1902**. Campinas, SP: Moisés Henrique Gonçalves da Cunha, 2017. p. 62.

⁴⁹ GAMBETA, Wilson Roberto. **A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895/1916)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.8.2014.tde-01102014-162931. Acesso em: 17 jan. 2021. p. 152.

⁵⁰ O primeiro estatuto do Sport Club Germania está disponível no Acervo Online do Centro Pró-Memória Hans Nobiling, dentro do site do Esporte Clube Pinheiros, e foi consultada no dia 17 de janeiro de 2021. A versão original está no idioma alemão, porém há também uma tradução realizada pelo próprio clube para o português, sem indicação de data e de autoria. Utilizaremos a tradução para análise de alguns trechos no decorrer do trabalho.

⁵¹ *Estatuto do Sport Club Germania, datado de 10 de dezembro de 1904*, p. 3.

naquele período era a de desenvolver um clube plural no âmbito esportivo para os seus associados. Além do futebol, que aparece com certa predominância no documento, são listados outros dois esportes: o tênis de campo e o remo⁵², que possuíam departamentos próprios dentro do clube, com diretores responsáveis e regulamentos próprios. Essa menção aos dois esportes nos dá indícios de que nos primeiros cinco anos o clube já havia consolidado a prática interna de pelo menos três esportes — os dois citados e o futebol —, questão que se ampliaria com o passar dos anos, como veremos mais à frente. Embora sejam mencionadas também as corridas no estatuto, não fica claro se havia uma organização esportiva dentro do clube — tais como formação de um time, treinos regulares e participação em competições. Ao citar as corridas, o estatuto apenas deixa claro que o clube arcaria com os custos das inscrições de seus associados caso desejassem participar de competições em outros clubes, com a condição de que vestissem as cores do Sport Clube Germania⁵³, preto e azul.

Ao menos nos anos iniciais do clube, porém, o futebol ainda predominava e tinha papel central na organização dos associados. O 1º capitão do time de futebol compunha a diretoria do clube, que tinha ainda outros seis cargos, todos escolhidos para mandato de um ano em votação na Assembleia Geral Ordinária que, como previa o estatuto, eram realizadas no mês de novembro de cada ano. Ao 1º capitão cabia a responsabilidade de gerir o time nas competições, dirigindo e escalando a equipe. Já aos associados que faziam parte do *team*, cabia a obrigação de respeitar o 1º capitão de maneira incondicional, em respeito ao estatuto. Os que desrespeitassem estariam sujeitos à exclusão da partida ou até mesmo do quadro de associados, em casos de reincidência⁵⁴. Além da competência incumbida ao 1º capitão na gerência do time de futebol, outro item chama a atenção no estatuto: ele também fazia parte do grupo de gestão e administração do clube, em conjunto com outros três diretores: presidente, tesoureiro e secretário. Os quatro representavam o clube “perante repartições públicas, em negócios jurídicos, e para com terceiros, em juízo ou fora dele”, e os documentos, “para terem validade”, deveriam ser “firmados por estes 4 diretores em conjunto”⁵⁵.

Neste sentido, o futebol tinha seu papel também nas finanças do SCG. No mesmo estatuto, de 10 de dezembro de 1904, citava-se a criação de um Fundo Especial pelo clube, deliberado em reunião no dia 20 de abril de 1901, portanto, três anos antes. O fundo deveria ser composto

⁵² *Estatuto do Sport Club Germania, datado de 10 de dezembro de 1904, p. 12.*

⁵³ *Estatuto do Sport Club Germania, datado de 10 de dezembro de 1904, p. 10.*

⁵⁴ *Estatuto do Sport Club Germania, datado de 10 de dezembro de 1904, p. 6.*

⁵⁵ *Estatuto do Sport Club Germania, datado de 10 de dezembro de 1904, p. 7.*

pela arrecadação de 10% dos valores das mensalidades do clube, além de 50%, “no mínimo, da receita líquida proveniente de jogos competitivos de futebol”⁵⁶. Administrado pelo vice-presidente e pelo tesoureiro, o Fundo Especial tinha o objetivo de aquisição de um campo de futebol próprio para o clube.

No caso do remo, o estatuto não nos dá maiores informações sobre o funcionamento interno das práticas esportivas dessa modalidade. Já para o tênis, a prática era permitida às mulheres, aceitando sua admissão, algo previsto em estatuto, diferente dos outros esportes. Entretanto, essa menção deixa dúvidas também sobre a questão de associação ao SCG, uma vez que para participar do quadro de “tênis de campo”, as “moças e senhoras” deveriam pagar a “trimestralidade de Rs. 7\$500”⁵⁷. Se nos outros esportes esse pagamento não era previsto, é provável que significasse que as mulheres não estavam contempladas na integralidade do estatuto, isto é, sem direito a se associar e a participar de reuniões, assembleias, votações etc., sendo permitida somente a participação nesse esporte em específico.

Embora haja menção somente aos três esportes no estatuto, com o passar dos anos e das décadas o Germania teve participação importante na fundação de ligas e organizações responsáveis pela gestão e realização de competições de diversas modalidades. No caso do próprio tênis, Gabriel Henrique Treter Gonçalves *et al.*, ressaltam a década de 1920 como período em que institucionalização do esporte começa a ganhar espaço, com a participação do Germania na Fundação da Federação Paulista de Tênis:

O desenvolvimento da prática do tênis atentou os clubes brasileiros para a necessidade de criar entidades que gerissem o esporte. Logo, as associações esportivas se uniram para criar suas ligas e federações regionais. A década de 1920 marca o início da institucionalização do tênis no Brasil. Em São Paulo, foi fundada em 1924 a Federação Paulista de Tênis, após onze anos da criação da Federação Internacional de Tênis (1913), pela iniciativa dos clubes Germânia (atual Pinheiros), Paulistano, São Paulo Athletic Club, Tietê e Espéria. Já em 1930, a entidade esportiva contava com 23 clubes filiados.⁵⁸

Outro caso que vale menção é a fundação da Liga de Amadores de Bola ao Cesto — basquetebol —, em 1926. Como recorda o Correio Paulistano, o Germania fez parte da fundação da Liga ao lado do Club Athletico Paulistano, A. A. das Palmeiras, Antartica F. C. e

⁵⁶ *Estatuto do Sport Club Germania, datado de 10 de dezembro de 1904*, p. 11.

⁵⁷ *Estatuto do Sport Club Germania, datado de 10 de dezembro de 1904*, p. 12.

⁵⁸ GONÇALVES, G. H. T, ASSMANN, A. B., GINCIENE, F., BALBINOTTI, C. A. A. & MAZO, J. Z. **Uma história do tênis no Brasil**: apontamentos sobre os clubes esportivos e seus métodos de ensino. *Educación Física y Ciencia*, 20(3), e057. Disponível: <<http://hdl.handle.net/10183/187941>>. Acesso em: 19 jun. 2021. p. 4.

União Lapa Football Club⁵⁹. Além disso, eram comuns, também, a realização de diversos jogos nas chamadas “festas desportivas” e nas festividades de aniversário do clube. Em 10 de maio de 1908, por exemplo, o Correio Paulistano divulgava uma festa que aconteceria por organização do SCG no Parque Antarctica naquele dia. Entre as atrações, estavam as seguintes competições: corrida rasa de 100 metros, pulo de altura, jogar o peso, corrida rasa de 400 metros, corrida rasa de 500 metros, pulo de distância, corrida rasa de 1.000 metros, driblar o *foot-ball*, corrida com obstáculo em 800 metros, *team-race* em 800 metros, corrida rasa de 150 metros, corrida com obstáculo em 1.200 metros e um match de *foot-ball* entre os times do Germania e o Paulistano.⁶⁰ Ao longo das décadas seguintes, vemos diversas menções no Correio Paulistano às festas e aos diversos esportes que eram praticados nessas reuniões.

2.2 A SOCIABILIDADE DENTRO DO CLUBE

Formar um clube irmão do Sport Club Germania de Hamburgo, na Alemanha. Esse era o objetivo principal de Hans Nobiling. A sua decepção, juntamente com os irmãos Wahnschaffe, quando da fundação do Sport Club Internacional já indicava que o caminho que pretendiam seguir era o de recepcionar a colônia alemã entre os associados do clube, mesmo que os membros participantes da fundação do Internacional tivessem origens distintas entre si. Neste ponto, podemos supor, por exemplo, que a questão do nome do clube fosse apenas o item mais visível da discordância deles em relação ao restante do grupo. Caso o nome escolhido fosse o Germania, é provável que a relação entre alguns dos fundadores fosse também conflituosa em outros itens de importância elevada na consolidação do clube daquele momento em diante, como, por exemplo, a recepção de novos associados — poderiam ter qualquer origem? Deveriam ser ligados à colônia alemã? etc.

Naturalmente, ao se desvincularem do Internacional e fundarem o Sport Club Germania em São Paulo, a ligação com os alemães que residiam na cidade ficou mais fácil de ser estabelecida a partir da identidade do clube, fundado agora somente por alemães e descendentes alemães. A relação com Hamburgo, na Alemanha, também se estabeleceu nesses primeiros momentos, sobretudo na formação do time de futebol. Mais uma vez recorrendo ao autor Wilson Roberto Gambeta, ele pontua que

⁵⁹ *Correio Paulistano*, 24 de dezembro de 1926, sem identificação de página.

⁶⁰ *Correio Paulistano*, 10 de maio de 1908, p. 5.

Tudo indica que imigrantes hamburgueses ligados ao comércio exterior não foram raros entre os jogadores do SCG, a lista incluiu Thomas (Tommy) Ritscher, comissário de café no porto de Santos, e o craque Hermann Friese, comerciante com escritório de representações. Parte significativa do comércio de bens de consumo importados em São Paulo estava em mãos de alemães e seus descendentes, que mantinham ligações com empresas do porto de Hamburgo.⁶¹

Porém, apesar dessa ligação com o comércio de bens, nem todos os membros tinham origens mais abastadas, sendo grande parte dos jogadores do clube funcionários dessas empresas, e não donos. Talvez o melhor exemplo seja o do próprio Hans Nobiling, que chegou a trabalhar no porto de Hamburgo antes de imigrar ao Brasil. Por aqui, antes de se estabelecer na carreira de bancário, foi também balconista em uma farmácia, como já citado anteriormente. A exceção pode ser apresentada na figura de Arthur Ravache, que foi jogador do clube nos primeiros anos de sua existência e também dirigente nas décadas seguintes — sendo inclusive o representante do clube na Liga Paulista de *Foot-Ball* por anos, tendo sido eleito também como tesoureiro da Liga em uma oportunidade⁶². Ravache foi diretor por trinta anos da filial do *Brasilianische Bank fuer Deutschland (Banco Brasileiro Alemão)*⁶³ em São Paulo, cuja matriz era também de Hamburgo, na Alemanha. Gambeta pontua, entretanto, que a condição de Ravache era uma exceção não só no Germania, como também em comparação aos outros clubes:

Grande parte dos jogadores que participaram dos primeiros campeonatos não pertencia à camada abastada, vinham das classes médias ascendentes, com origens modestas: profissionais liberais, pequenos comerciantes, bancários, funcionários de empresas estrangeiras, etc..⁶⁴

Pouco se sabe, entretanto, sobre a relação que mantinham as pessoas envolvidas no clube, sejam eles dirigentes ou apenas associados e associados-atletas, como no caso dos jogadores. Recorremos, porém, ao documento que apresenta algumas questões nas quais podemos lançar hipóteses, sobretudo em relação à hierarquização do clube: o estatuto.

Como já citado anteriormente, o primeiro estatuto do Sport Club Germania a que temos acesso é datado de 1904, sendo improvável que esse seja o primeiro documento organizacional do clube, que já existia há cinco anos naquela data. Desde a sua fundação, podemos supor a

⁶¹ GAMBETA, Wilson Roberto. **A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895/1916)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.8.2014.tde-01102014-162931. Acesso em: 17 jan. 2021. p. 166.

⁶² *Correio Paulistano*, 13 fev. 1904, sem identificação de página.

⁶³ GAMBETA, Wilson Roberto. **op. cit.** p. 165.

⁶⁴ *Ibidem*. p. 165.

existência de documentos que organizassem a relação entre os associados e as regras básicas para associação e funcionamento do clube, sendo o documento de 1904 uma versão mais atualizada para tratar do assunto naquele momento. Sabemos, por exemplo, que as eleições ou escolhas de composição da diretoria já aconteciam em oportunidades anteriores. Como relata o *Correio Paulista*, no dia 03 de outubro de 1903 — portanto, mais de um ano antes do estatuto de 1904:

Ficou assim constituída a nova directoria do Sport Club Germania, eleita a 29 do mez proximo findo, em assemblea geral:
 Presidente, M. Engelhardt; vice-presidente, Nicolau Gordo; secretario, B. Ollit; thesoureiro, W. Rawall; 1.º captain, M. Friese; 2.º captain, C. Korbett; representante na Liga, A. Ravache.⁶⁵

No documento de 1904, um dos primeiros itens tratados é a distribuição dos associados e a sua categorização. Entre os sócios juniores — isto é, aqueles que ainda não atingiram a idade adulta, após os 18 anos completos — a divisão é feita em duas: a categoria A, para associados entre 15 e 18 anos, e a categoria B, para menores de 14 anos. Na categoria sênior, entretanto, a divisão é feita em quatro: sócios regulares, sócios especiais, sócios de fora e sócios honorários. No caso dos sócios de fora, a explicação, constante no documento, é simples. Tratavam-se de associados que não residiam “em São Paulo ou arredores”⁶⁶, e, portanto, provavelmente eram sócios que utilizavam menos as dependências do clube. No § 19º do estatuto, explica-se que

sócios ausentes de São Paulo por tempo prolongado, uma vez que tenham feito a comunicação do fato à Diretoria, são dispensados, pelo tempo que durar a ausência, do pagamento da mensalidade.
 Os sócios de fora e sócios honorários não estão obrigados ao pagamento de contribuição.⁶⁷

Já as outras três divisões de sócios da categoria sênior apresentavam algumas particularidades. Os sócios regulares, por exemplo, possuíam plenos direitos — como o direito à votação nas assembleias e o direito de se candidatar para cargos da diretoria —, enquanto os sócios especiais, não. E a explicação para essa diferenciação era o domínio do idioma alemão. Eram garantidos todos os direitos apenas àqueles capazes de se comunicar na língua, enquanto aos não-falantes se reservava o direito de associação, mas não de aproveitamento total de todos

⁶⁵ *Correio Paulistano*, 03 out. 1903, p. 4.

⁶⁶ *Estatuto do Sport Club Germania*, datado de 10 de dezembro de 1904, p. 3.

⁶⁷ *Estatuto do Sport Club Germania*, datado de 10 de dezembro de 1904, p. 9-10.

os elementos constituintes do clube. Embora existisse essa diferenciação, o estatuto não previa nenhum tipo de compensação financeira por essa condição. Os valores de associação e mensalidade eram os mesmos: 10 mil réis como taxa de admissão, a chamada jóia, e 2 mil réis de mensalidade. Para a categoria júnior, os valores eram mais baixos: 5 mil réis como taxa de admissão, com mensalidade de mil réis para os pertencentes à categoria A, e taxa de admissão de 3 mil réis, sem pagamento de mensalidade, para os associados à categoria B⁶⁸. Os sócios honorários, por outro lado, também possuíam plenos direitos, mas não precisavam pagar mensalidade. Tratava-se de uma categoria em que os diretores propunham o nome para associação, e votavam pela aprovação ou não na Assembleia Geral Ordinária. É provável que a categoria fosse reservada a grandes personalidades ou pessoas de grande importância e estima para os diretores daquele período.

Como vimos, a língua era um item que se colocava como diferenciador em questões básicas dentro da organização. Além de não possuir plenos direitos, os sócios especiais tinham uma limitação de membros: não poderiam exceder o número correspondente à terça parte do total de sócios regulares. Soma-se a essa questão a própria disponibilidade do documento básico do clube: o estatuto original, datado de 1904 e disponível no Acervo Online do Centro Pró-Memória Hans Nobiling, dentro do site do Esporte Clube Pinheiros (ECP), está no idioma alemão, e a sua tradução, também disponível, aparenta ser recente e não da época⁶⁹. Neste sentido, algumas questões aparecem: havia uma tradução oficial do próprio clube no período? Como os sócios que não dominavam o idioma alemão se portavam para aceitar as regras ali presentes? O estatuto era traduzido oralmente no momento da associação? Será que o número de associados na categoria especial era relevante? Ou a sua presença no estatuto era uma forma de prever possíveis problemas?

A admissão de novos sócios, por exemplo, possuía uma série de travas dentro do estatuto e, embora não cite o idioma como uma barreira, nos faz pensar se não era uma questão que passava pelos diretores e sócios naquele período. Caso desejasse fazer parte do clube como associado, o interessado deveria conseguir a “apresentação por um sócio a um diretor”⁷⁰, que consistia em uma carta escrita e assinada por esse sócio, na condição de “apresentante”. Essa circunstância, por si só, já poderia barrar quem quisesse entrar sem ter o domínio da língua. As

⁶⁸ *Estatuto do Sport Club Germania, datado de 10 de dezembro de 1904*, p. 11.

⁶⁹ A tradução utilizada neste trabalho aparenta ser mais recente, uma vez que o documento é totalmente digital, embora não se possa confirmar essa informação com precisão. Supomos que, caso existisse uma tradução oficial de época, ela também estaria escaneada assim como o original em alemão.

⁷⁰ *Estatuto do Sport Club Germania, datado de 10 de dezembro de 1904*, p. 4.

peessoas já associadas ao clube, provavelmente, apresentariam novos possíveis sócios à direção do clube que tivessem uma ligação mais íntima com eles, em uma relação de confiança mútua. Não seriam essas relações estabelecidas dentro do seio da comunidade alemã em São Paulo? Caso rompesse o crivo inicial, o pedido, após registro no livro de admissões, passaria também por uma votação na Comissão de Admissões — composta pela Diretoria completa e mais oito sócios regulares⁷¹ — do clube, em que deveria obter maioria simples para ser aprovado, em reuniões fechadas entre a própria comissão. Em casos de empate nos votos, o pedido era negado⁷². Ainda cabia recurso, analisado pela diretoria do SCG em sessão secreta, que retornava o pedido à Comissão de Admissões caso julgasse o motivo do recurso procedente. Não encontramos registros desses pedidos, nem mesmo cartas de admissões ou placares de votação registrados em atas, cabendo somente especular sobre os possíveis caminhos tomados em situações prováveis naquele período.

A diretoria do clube era composta somente por sócios regulares, aqueles que possuíam plenos direitos. Tratavam-se de cargos sem remuneração, com eleição realizada anualmente na Assembleia Geral Ordinária, prevista para acontecer, conforme o estatuto, sempre nos meses de novembro⁷³. Eram sete os cargos da diretoria: presidente; vice-presidente; secretário; tesoureiro; 1º capitão; delegado à Liga e um adjunto. O 1º capitão e o delegado à Liga eram relacionados ao time principal de futebol do Sport Club Germania, possuindo grande importância dentro da hierarquização do clube. O capitão era o responsável por gerir o time, enquanto o delegado era o representante do clube na Liga Paulista de *Foot-Ball*, incumbido de defender os interesses do clube e de apresentar aos outros diretores o que fora discutido nas assembleias da Liga. O 1º capitão, juntamente com o presidente, o tesoureiro e o secretário, também fazia parte do grupo de gestão e administração do clube, como citado anteriormente, o que demonstrava a grande importância do futebol naquele período. O estatuto ainda previa que um associado poderia ter vários cargos da diretoria concomitantemente, mas que, para tal, deveriam também eleger outros adjuntos, de forma a garantir a participação de sete pessoas diferentes na composição da diretoria.

Além da diretoria, outros cargos do clube eram eleitos na Assembleia Geral Ordinária: o grupo de oito associados que faziam parte da Comissão de Admissões, juntamente com a

⁷¹ *Estatuto do Sport Club Germania, datado de 10 de dezembro de 1904*, p. 9.

⁷² *Estatuto do Sport Club Germania, datado de 10 de dezembro de 1904*, p. 4.

⁷³ Regra que nem sempre era respeitada, como pudemos perceber ao visualizar algumas edições do Correio Paulistano. Em 1910, por exemplo, a eleição da diretoria do Sport Club Germania ocorreu no dia 16 de agosto, conforme a edição de 21 de agosto de 1910, na página 5, nos confirma.

diretoria; o 2º capitão do time principal de futebol; os capitães dos outros times; representantes da categoria Júnior de associados (A e B); revisores contábeis; almoxarifes; e até mesmo um encarregado de bebidas. Em comum, todos esses cargos também não possuíam remuneração. Neste sentido, cabe pensar no tipo de relação que se estabelecia entre clube e associados: mais do que a vontade em prol do desenvolvimento do clube, fazer parte de algum cargo no clube poderia representar status dentro daquele ambiente, uma diferenciação entre os associados “comuns”. Sem remuneração, a relação era de colaboração, mas que exigia dedicação de quem se propusesse a fazer parte. Mesmo com empregos regulares fora dali, com o tempo despendido no clube, que provavelmente era alto, fica difícil conjecturar a participação das camadas mais baixas, mesmo entre a comunidade alemã, na consolidação do Sport Club Germania, sendo mais provável que as camadas médias e altas tivessem mais possibilidades de se dedicarem aos esportes e ao lazer do clube.

As festas no clube eram também muito comuns, sendo mais um elemento considerável da sociabilidade, tanto entre os associados, mas também no estabelecimento de relações com outras agremiações. O Correio Paulistano noticiou algumas das festas realizadas por outros clubes na sede do Club Germania⁷⁴, sobretudo nos anos iniciais do clube, como por exemplo da *Società Italiana*, *A Primavera*⁷⁵ e *Socorso e rimpatrio*⁷⁶. Podemos supor que a relação entre a diretoria do clube e outras associações eram amistosas, com menção especial àquelas ligadas à comunidade italiana em São Paulo. Além de ceder o espaço, o clube também participava ativamente em outras atividades. Em 1904, por exemplo, participou da inauguração da sede do Club Espéria, com diversos atletas competindo nas atividades organizadas pelo clube ítalo-brasileiro⁷⁷. Em 1910, o Germania auxiliou na organização das corridas e disputas do “certame sportivo promovido pelo Club Espéria”⁷⁸.

As festas do próprio clube também eram abertas para participação do público em geral e de outras associações, geralmente com vendas de ingressos e diversas atrações esportivas. Em geral, durante alguns anos entre as décadas de 1900 e 1910, as festas aconteciam no Parque

⁷⁴ Embora no próprio jornal não se faça menção ao “Sport” antes do “Club Germania”, acreditamos se tratar do SCG, uma vez que não foram encontrados elementos que atestassem a existência de outra associação com o nome de Club Germania em São Paulo naquele período, embora seja importante mencionar a existência da Sociedade Germania, uma outra associação da comunidade teuto-brasileira da cidade de São Paulo naquele período, e que nos anos 1940 se fundiu com SCG durante sua nacionalização, dando origem ao Esporte Clube Pinheiros, como veremos no capítulo seguinte deste trabalho.

⁷⁵ *Correio Paulistano*, 01 jan. 1900, p. 2

⁷⁶ *Correio Paulistano*, 08 jan. 1900, p. 2

⁷⁷ *Correio Paulistano*, 03 out. 1904, p. 2

⁷⁸ *Correio Paulistano*, 10 dez. 1910, p. 5

Antarctica, conforme os recortes do jornal *Correio Paulistano* nos mostram, local arrendado pelo clube para disputa dos *matches* de futebol nos seus primeiros anos — embora os documentos não mostrem exatamente a data de início desse vínculo. Anteriormente, os certames esportivos aconteceram também na Chácara *Dulley*, antes do seu loteamento e transformação em ruas e quarteirões, além de um breve período na Chácara *Witte*⁷⁹. As sedes sociais também variaram de local com o passar dos anos, como recorda uma publicação de 2020 no site do Esporte Clube Pinheiros:

A primeira sede social teve lugar à Rua dos Andradas, esquina com a Rua dos Gusmões, casa do Sr. Ricardo Muller. Posteriormente, mudando em 1902, para a Rua 15 de novembro no bar Progredior. Em 1909 foi para a Rua Direita, nos altos da Confeitaria Fasoli. Em 1913, transferiu-se para rua José Bonifácio 35. E em seguida, para as ruas: Timbiras, Xavier de Toledo, Líbero Badaró, Largo do Paissandu e Florêncio de Abreu. Mesmo depois da compra da Chácara Itaim, onde foi instalada definitivamente a praça de esportes, a sede social esteve funcionando nos endereços acima. Somente com a fusão à Sociedade *Gesellschaft Germania*, em 1942, a sede social passou a ocupar a Rua Dom José de Barros.⁸⁰

O Parque Antarctica funcionou como palco do futebol do SCG até 1917. Com a Primeira Guerra ainda em andamento, e tendo o Brasil tomado o lado contrário ao da Alemanha no conflito, o clube optou por pedir licença da Associação Paulista de Sports Athléticos (APSA), liga fundada em 1913 após dissidências entre alguns clubes e a LPF — o Germania ainda disputou alguns campeonatos antes de trocar de liga, sendo inclusive o campeão paulista de 1915 pela LPF. A nova associação, “que em pouco tempo tornou-se a principal entidade do futebol de São Paulo”, havia surgido em um momento de ruptura do futebol paulista, “liderada pelo Clube Paulistano, que havia se desligado da Liga Paulista de Futebol por não concordar com a entrada do Sport Club Corinthians Paulista, time de origem popular”⁸¹. Além disso, uma das motivações dizia respeito também ao espaço em que o futebol deveria ser praticado, sendo o Sport Club Germania um dos pivôs dessa discussão:

⁷⁹ STREAPCO, João Paulo. ‘**Cego é aquele que só vê a bola**’: o futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F. C. (1894-1942). 2010. 227 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. p. 15.

⁸⁰ ESPORTE CLUBE PINHEIROS. **Retrospectiva de exposições | Germania na Chácara Itaim – O Sonho realizado há 100 anos**. Disponível em: <<https://www.ecp.org.br/centro-pro-memoria-hans-nobiling-retrospectiva-de-exposicoes-germania-na-chacara-itaim/>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

⁸¹ ATIQUÊ, Fernando, SOUSA, Diógenes e GESSI, Hennan. **Uma relação concreta**: A prática do futebol em São Paulo e os Estádios do Parque Antarctica e do Pacaembu. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material* [online]. 2015, v. 23, n. 1, pp. 91-109. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02672015v23n0104>>. Acesso em: 07 nov. 2019. p. 95.

(...) os valores de locação do Velódromo Paulista cobrados pelo Paulistano eram altos, o que foi um dos fatores que deflagaram o conflito entre os diversos times membros da Liga Paulista de Futebol, em 1913, marcando a primeira ruptura do futebol paulista. Naquela ocasião, o Germânia, que locava o Parque Antarctica da Cia. Antarctica Paulista, propôs à Liga Paulista de Futebol a utilização de seu campo por 200\$000 por mês, preço cobrado pelo Paulistano por cada partida disputada no Velódromo. Por tal motivo, a LPF acolheu a proposta do Germânia, situação que não foi aceita pelo Paulistano, que preferiu romper com a Liga e criar uma nova Associação para o futebol em São Paulo.⁸²

Fato é que em 1917 o SCG já havia trocado de lado entre as entidades esportivas⁸³. Segundo a edição do Correio Paulistano de 13 de abril de 1917, a partida entre Mackenzie e SCG que aconteceria dali dois dias fora cancelada depois do pedido de afastamento do clube⁸⁴. A motivação, como já citada anteriormente, era a oposição do Brasil à Alemanha nos conflitos da Primeira Guerra Mundial, ainda em curso naquele momento. No ano anterior, os desdobramentos do conflito já haviam feito o clube negar o pedido da Empresa Theatral de Variedades do Theatro da Natureza para utilização do Parque Antarctica em um domingo, dia em que o local estava sob comando do clube, para realização de um espetáculo ao ar livre que teria sua renda revertida para a Comissão Regional de Escoteiros de São Paulo. O Clube negou o pedido sob o “pretexto de existir na Comissão de Escoteiros um inimigo da colonia allemã de S. Paulo”⁸⁵.

O conflito também despertou sanções pelo lado brasileiro. Em novembro de 1917, alguns meses após o pedido de licença do Germania, o Correio Paulistano citava uma decisão tomada pela APSA que afetava também os jogadores de nacionalidade alemã. A nota, do dia 10 de novembro, trazia algumas resoluções tomadas na reunião do dia anterior, sendo uma delas a seguinte:

proibir que os jogadores da Associação, de nacionalidade allemã, disputem matches do campeonato ou de qualquer outra especie, em virtude do estado de guerra que existe entre o Brasil e a Allemanha. Os clubs que infligirem esta determinação, além

⁸² STREAPCO, João Paulo. **‘Cego é aquele que só vê a bola’**: o futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistanas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F. C. (1894-1942). 2010. 227 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. p. 19.

⁸³ Para conferir as informações mais completas e profundas em relação às motivações da criação de uma nova liga, sugerimos conferir a tese de Wilson Gambeta, sobretudo no terceiro capítulo. Cf. GAMBETA, Wilson Roberto. **A bola rolou**: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895/1916). 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

⁸⁴ *Correio Paulistano*, 13 de abril de 1917, p. 3.

⁸⁵ *Correio Paulistano*, 06 de setembro de 1916, p. 3.

de perderem os jogos em que tomarem parte taes jogadores, ficam ainda sujeitos a outras penalidades estabelecidas nos estatutos da Associação.⁸⁶

Ainda em novembro daquele ano, o Correio Paulistano noticiava também o repasse da locação do Parque Antarctica para o recém fundado America Foot-Ball Club. Entretanto, o que chama a atenção na nota diz respeito ao termo utilizado para designar a condição do SCG naquele momento: “(...) **dissolvido** o Sport Club Germania, por motivo da guerra, entre o Brasil e a Allemanha, o ground da Agua Branca passa a novos proprietário (...)”⁸⁷. Embora o jornal cite a dissolução do clube, não encontramos documentos ou bibliografias que confirmem essa condição. Após o fim do conflito, o clube voltou a figurar nas competições esportivas. No geral, as participações voltaram a acontecer a partir da década de 1920, após a compra, efetuada em 30 de agosto de 1920⁸⁸, do terreno na então Chácara Itaim, onde ainda hoje o clube está situado.

O retorno do Germania à Associação Paulista de Sports Athleticos, entretanto, gerou um mal-estar com outras agremiações. Em 24 de abril de 1920, o Correio Paulistano trazia uma nota a respeito do São Paulo Athletico Club e do Sport Club Germania. Nela, dizia que era “muito provável” que os dois clubes voltassem a participar do campeonato da APSA no ano seguinte, e que o número de clubes na primeira divisão aumentaria em função disso. Ainda segundo o periódico, as duas vagas seriam colocadas em disputa entre “os clubs da segunda divisão e os veteranos S. Paulo Athletico Club e Sport Club Germania”. Por fim, opinando sobre o retorno, o Correio Paulistano apontava que ambos os clubes, “portadores de tão brilhantes tradições”, deveriam, “incontestavelmente”, “continuar a participar das luctas da “association”, que se travam em nossa cidade”⁸⁹.

O retorno, porém, não aconteceria a partir do mérito esportivo, e sim baseado na história do SCG, desagradando outras associações. Em ofício endereçado à APSA no dia 28 de fevereiro de 1921, a Associação Graphica de Desportos (AGD) reclamava da decisão que não levava em conta o desempenho esportivo que tiveram no campeonato da segunda divisão do ano anterior. No ofício, publicado na íntegra pelo Correio Paulistano, a AGD argumentava, com base nos estatutos da própria APSA, que “quando a vaga se verificar nas divisões superiores, cabe o seu preenchimento aos clubs das divisões inferiores que tiverem tido melhor collocação no

⁸⁶ *Correio Paulistano*, 10 de novembro de 1917, p. 2.

⁸⁷ *Correio Paulistano*, 29 de novembro de 1917, p. 4. Grifo nosso.

⁸⁸ ESPORTE CLUBE PINHEIROS. **Retrospectiva de exposições | Germania na Chácara Itaim – O Sonho realizado há 100 anos**. Disponível em: <<https://www.ecp.org.br/centro-pro-memoria-hans-nobiling-retrospectiva-de-exposicoes-germania-na-chacara-itaim/>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

⁸⁹ *Correio Paulistano*, 24 de abril de 1920, sem página indicada.

campeonato do ano anterior"⁹⁰. Essa apelação tinha por objetivo rechaçar a possibilidade de admissão do SCG no campeonato, uma vez que os dois primeiros colocados da segunda divisão no ano anterior foram, respectivamente, Sport Club Syrio e Associação Graphica de Desportos. Mesmo com a ameaça de recorrer ao judiciário para garantir a sua participação, o ofício parece não ter surtido efeito, uma vez que o Germania participou do campeonato organizado pela APSA em 1921, ficando em último lugar ao final da competição. O SC Syrio, primeiro colocado da segunda divisão de 1920, também fez parte da disputa, terminando na sétima colocação.

Nos anos seguintes o Germania fez participações modestas nos campeonatos de futebol, embora tenha feito parte também de outra divisão do futebol paulista: a criação da Liga de Amadores de Football (LAF), liderada mais uma vez pelo Paulistano. João Paulo Streapco argumenta que as diversas divisões representavam também riscos financeiros para os clubes, causando crises econômicas em todos eles. No caso do SCG, esse pode ter sido um elemento importante para o abandono do futebol no início da década de 1930. Segundo o autor,

(...) a memória sobre o período consolidou a ideia de que esses clubes se retiraram por não concordarem com o profissionalismo no futebol. Mas essas narrativas não explicam que, tanto quanto a profissionalização, as divisões representaram a inviabilidade financeira para muitas dessas equipes. O próprio Internacional, por exemplo, um dos clubes pioneiros nos esportes em São Paulo, desapareceu nesse contexto.⁹¹

O SCG, entretanto, não fechou as portas totalmente, de modo que somente o futebol, naquele contexto, foi deixado de lado. Infelizmente, os documentos não nos apresentam possíveis versões ou possíveis disputas internas em torno da temática dentro do clube, de modo que é propício tentar preencher essa lacuna a partir das próprias discussões da bibliografia. Neste sentido, apesar da questão financeira ser um ponto importante, havia uma rivalidade entre os ideais do amadorismo *versus* profissionalismo. Como destaca Fábio Franzini, além dos jogadores, cheios de inseguranças para o exercício do seu trabalho,

muitos dirigentes cariocas e paulistas, bem como boa parte da imprensa esportiva, também estavam descontentes com as incertezas do semiprofissionalismo, ou “amadorismo marrom”. Para esses grupos, somente a profissionalização poderia

⁹⁰ *Correio Paulistano*, 04 de março de 1921, p. 2.

⁹¹ STREAPCO, João Paulo. **‘Cego é aquele que só vê a bola’**: o futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F. C. (1894-1942). 2010. 227 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. p. 99-100.

assegurar a força dos clubes e o vigor do espetáculo, à medida que criaria um vínculo mais efetivo e consistente entre jogadores e equipes.⁹²

No trabalho de Streapco, o autor argumenta que em alguns clubes paulistanos a atividade futebolística despertava antagonismo entre os associados. De um lado, parte via o futebol como uma atividade rentável e eram a favor do seu desenvolvimento e abertura para recebimento de associados exclusivamente pela sua aptidão no esporte; do outro, parte dos sócios enxergavam os clubes como ambientes fechados e exclusivos. Podemos supor a existência desse racha dentro da instituição a partir da afirmação de Streapco, de que a situação de abertura do espaço para associados apto à prática do futebol era comum em clubes como Paulistano, Palestra Itália e no próprio Germania⁹³. Com a opção de se manter no amadorismo e em seguida abandonar as disputas de futebol, significava também uma possível preferência por manter a exclusividade do clube, fechando cada vez mais à possibilidade de receber atletas com origens étnicas e sociais diversas. Embora não se saiba com exatidão se esses elementos foram de fato discutidos internamente, a profissionalização, como ressaltado no trecho de Franzini, poderia significar vínculos mais fortes entre os clubes e os jogadores, algo que poderia não ser de interesse do clube para preservar suas origens e o “espírito alemão”.

⁹² FRANZINI, Fábio. **As Raízes do País do Futebol**: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950). Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. p. 42.

⁹³ STREAPCO, João Paulo. **‘Cego é aquele que só vê a bola’**: o futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistanas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F. C. (1894-1942). 2010. 227 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. p. 99.

3 GERMANIA DURANTE O PERÍODO VARGAS

3.1 O GOVERNO VARGAS E OS IMIGRANTES

O governo de Getúlio Vargas, iniciado em 1930, marca com clareza uma mudança na composição do Estado nacional. Temos, a partir do seu governo, e sobretudo no Estado Novo (1937-1945), uma modernização desse estado. E para tal, adotou-se uma política de fortalecimento da nação e a construção de uma identidade nacional a partir de elementos que pudessem representar o ideal de brasilidade, indo de ações políticas no campo cultural, em temas como o carnaval, o samba⁹⁴ e os esportes, por exemplo. No campo político, as ações tomadas pelo governo em relação aos imigrantes, também podem representar essa busca por uma unificação identitária, uma vez que desde os primeiros anos de seu governo, Vargas procurou limitar o ingresso de estrangeiros no país.

Em um de seus primeiros atos como presidente, Vargas, através do decreto nº 19.482 de 1930, promoveu a primeira medida com objetivo de restringir a entrada de imigrantes no Brasil. Segundo Endrica Geraldo, as justificativas utilizadas para a criação de mecanismos que limitavam a imigração iam desde a defesa do trabalho nacional — a entrada desordenada de imigrantes era vista como uma das causas do crescimento do desemprego e dos problemas na economia — até as concepções eugênicas e raciais que eram comuns no período, passando também pela ameaça que os imigrantes poderiam representar à segurança nacional, uma vez que os trabalhadores imigrantes eram acusados de transmissores de ideologias que “iam desde o anarquismo e o socialismo até o fascismo e o nazismo”⁹⁵. Para combater essas ameaças exteriores, o governo se utilizou da estrutura do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS), que surgiu em 1924

com o intuito de identificar os “indesejáveis”, como eram chamados os operários “agitadores estrangeiros” ou aqueles que militavam em sindicatos ou partidos políticos. Este órgão surgiu em resposta a uma maior especialização da polícia “preventiva” que vinha se desenvolvendo desde o começo da República. Havia na Polícia Civil do Distrito Federal duas inspetorias, a primeira encarregada da “seção de ordem social”, cuja incumbência era, entre outras, “desenvolver máxima vigilância contra quaisquer manifestações ou modalidades de anarquismo, agir com solicitude

⁹⁴ Cf. NAPOLITANO, Marcos. **A síncope das ideias**: a questão da tradição na música popular brasileira. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007.

⁹⁵ GERALDO, Endrica. **O combate contra os “quistos étnicos”**: identidade, assimilação e política migratória no Estado Novo. *Locus: revista de história*. (Juiz de Fora). v.15, n.1, 2009, pp. 171-187. pp. 172-173.

para os fins na medida de expulsão de estrangeiros perigosos” e, a segunda, encarregada da “seção de segurança pública”.⁹⁶

Essa política possuía um claro caráter nacionalista, que buscava, a partir da disseminação do medo do estrangeiro, daquele que é diferente, a fortalecimento de uma ideia de unidade nacional, em que a nação é forte e homogênea, e as diferenças se convertem em igualdade. Esse medo, segundo Maria Luiza Tucci Carneiro, existia tanto por parte do governo, que possuía “medo dos comunistas, dos judeus, dos quistos raciais, da ascensão do operariado”, quanto da população, que se alimentava de um medo “da polícia, do monstro de mil cabeças, do judeu parasita, do perigo amarelo e vermelho”⁹⁷. Segundo Eliane Alves Bisan,

No período de 1934 a 1937, o autoritarismo se firmou emergindo cada vez mais, de maneira contundente, se manifestando sob a forma de denúncias, prisões, torturas, expulsões e extradições de “comunistas”. Os imigrantes passaram a ser apontados como responsáveis pela formação de “quistos raciais e ideológicos perigosos à segurança nacional”. O Estado brasileiro, na tentativa de afastá-los dos círculos do poder e do contexto político e social, passou a prender todos aqueles que além de estrangeiros eram suspeitos de estar exercendo atividades comunistas. Confirmadas as acusações, iniciava-se o processo de expulsão do território nacional.⁹⁸

O governo brasileiro buscou, portanto, a assimilação destes grupos na sociedade, pois julgava que a prática do governo imperial, ainda no século XIX, de incentivar a criação de núcleos de colonização, era “a origem do problema da concentração e isolamento desses indivíduos em uma determinada região e, conseqüentemente, da dificuldade de sua integração e assimilação na sociedade brasileira”⁹⁹. Marca deste processo é a criação do Conselho de Imigração e Colonização em 1938.

Essas medidas de assimilação possuíam algumas características de sufocamento das diferenças que se assemelhavam muito ao fascismo. Segundo Carneiro, durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, de 1930 a 1945, os grupos fascistas encontraram campo fértil para sua própria proliferação, conquistando vários segmentos da população. Para a autora, isso foi

⁹⁶ ALVES, Eliane Bisan. **Etnicidade, nacionalismo e autoritarismo**: a comunidade alemã sob vigilância do DEOPS (1930-1945). São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2006. 183 p. (Histórias da Repressão e da Resistência, 3). p. 29.

⁹⁷ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. (org.). **Tempos de fascismos**: Ideologia–Intolerância–Imagário. SP: EDUSP, 2010. p. 441.

⁹⁸ ALVES, Eliane Bisan. A comunidade alemã sob suspeita. In: CARNEIRO, M. L. T. (org.); DIETRICH, Ana Maria; ALVES, Eliane Bisan; PERAZZO, Priscila Ferreira. **Inventário DEOPS**: Alemanha, módulo I. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997. p. 121.

⁹⁹ GERALDO, Endrica. **O combate contra os “quistos étnicos”**: identidade, assimilação e política migratória no Estado Novo. Locus: revista de história. (Juiz de Fora). v.15, n.1, 2009, p. 171-187. p. 175.

possível graças à admiração que o governo brasileiro possuía em relação aos modelos de fascismo e nazifascismo, na Itália e Alemanha, respectivamente, enxergando neles uma inspiração para o modelo de nação forte e homogêneo que se desejava para o Brasil¹⁰⁰.

Para Ana Maria Dietrich, os decretos-lei instituídos a partir de 1938 “visavam ao controle e à vigilância dos estrangeiros no país e eram interpretados, segundos os critérios subjetivos da polícia”¹⁰¹. Soma-se a isso, durante a Segunda Guerra Mundial, o “crescimento dos movimentos populares contrários ao governo Vargas e a consequente potencialização da ação policial”, servindo de motivação ao governo no sentido de fortalecer os DEOPS e os articularem “com o objetivo de desativar todo e qualquer movimento político considerado subversivo”¹⁰².

No caso dos imigrantes alemães, é possível perceber, a partir do ano de 1933, uma mudança no perfil daqueles que chegavam ao Brasil para tentar a vida. Em grande parte, eram agora alemães que não se encaixavam na política que passava a vigorar em seu país natal, com a ascensão do nazismo e de Adolf Hitler. Segundo Eliane Bisan Alves, o número de alemães judeus na cidade de São Paulo aumentava, assim como o de comunistas e judeus apátridas, excluídos pelo Terceiro Reich, o que “chamou a atenção da Polícia Política do Estado de São Paulo (DEOPS), que se dedicava a manter a ordem e garantir a Segurança Nacional”¹⁰³.

Em seu estudo, Alves se propõe a identificar os estigmas que acompanharam os alemães nas décadas de 1930 e 1940, atribuídas pelo próprio governo varguista: “cidadão do Eixo, perigo militar, nazista, espião, comunista, judeu etc.”. Nos prontuários, qualquer tipo de informação que fosse interessante era anexada e traçava-se “perfil do inimigo”¹⁰⁴. Segundo Maria Luiza Tucci Carneiro, durante a organização da documentação do DEOPS-SP, no Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP), foi possível perceber que diversos objetos se tornavam provas de um crime, como fotos de recordação e documentos bancários¹⁰⁵.

Para Ana Maria Dietrich,

¹⁰⁰ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. (org.). **Tempos de fascismos: Ideologia–Intolerância–Imaginário**. SP: EDUSP, 2010. p. 434.

¹⁰¹ DIETRICH, Ana Maria. **Caça às Suásticas: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007. 388 p. (Histórias da Repressão e da Resistência, 2). p. 37.

¹⁰² *Ibidem*. p. 37.

¹⁰³ ALVES, Eliane Bisan. **Etnicidade, nacionalismo e autoritarismo: a comunidade alemã sob vigilância do DEOPS (1930-1945)**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2006. 183 p. (Histórias da Repressão e da Resistência, 3). p. 24.

¹⁰⁴ *Ibidem*. pp. 30-31.

¹⁰⁵ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O projeto integrado Arquivo/Universidade e o Acervo DEOPS. *In*: CARNEIRO, M. L. T. (org.); DIETRICH, Ana Maria; ALVES, Eliane Bisan; PERAZZO, Priscila Ferreira. **Inventário DEOPS: Alemanha, módulo I**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997. p. 19.

A Polícia Política do governo Vargas exercia um controle baseado na ideia da desconfiança “evidenciada pelo arbítrio da estigmatização generalizante”. Esse órgão articulava seus registros de acordo com o ideário oficial, tal qual ocorre em um jogo de xadrez. Avançava ou recuava, configurando diversas etapas de perseguição: a identificação do suspeito, a vigilância de sua vida pessoal e de suas ideias políticas, o confisco de provas comprometedoras, a intimação e a eventual prisão do acusado.¹⁰⁶

Com a guerra, esse movimento se intensifica, uma vez que o Brasil fica ao lado dos Aliados, declarando guerra ao Eixo. Deste modo, há um maior número de restrições às comunidades ligadas ao Eixo residentes no Brasil e o controle policial em nome da segurança nacional, de modo que o “controle policial se estendeu aos descendentes de alemães, japoneses e italianos, concentrados em seus clubes, escolas, instituições e empresas comerciais”¹⁰⁷. Um dos modos de controle foi a expedição de salvo-conduto, que visava o controle de locomoção dessa população. “A intenção era detectar suas ações políticas, ocupação do espaço urbano, contatos com a comunidade estrangeira e nacional”¹⁰⁸.

Em contrapartida, segundo o trabalho realizado por Ana Maria Dietrich, a partir dos prontuários identificados do DEOPS-SP, foi possível compreender a organização do Partido Nazista em São Paulo, os “seus instrumentos de propaganda ideológica, os pontos de encontro, além de identificar entidades infiltradas por agentes nazi, a exemplo de escolas, clubes e jornais”¹⁰⁹. Neste sentido, era o objetivo da polícia dismantelar possíveis redes de espionagem favoráveis à Alemanha. Segundo Priscila Ferreira Perazzo,

A espionagem em favor da Alemanha se desenvolveu no Brasil sob duas dimensões: aquela que denominamos de “espionagem em escala individual” e a atuação de “redes de espionagem organizadas”.

A “espionagem em escala individual” contava com a colaboração de todo e qualquer alemão que se dispusesse a recolher informações e enviá-las para a Alemanha. Assim, para tornar-se um espião alemão não era necessário ser um profissional da espionagem. Empresários alemães instalados no Brasil desde os anos 20 foram apontados como “espiões”, visto que cumpriam tais funções, usando suas firmas como ponte para contatos com o exterior, canais por onde circulavam as informações para

¹⁰⁶ DIETRICH, Ana Maria. **Caça às Suásticas: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007. 388 p. (Histórias da Repressão e da Resistência, 2). p. 33-34.

¹⁰⁷ ALVES, Eliane Bisan. A comunidade alemã sob suspeita. In: CARNEIRO, M. L. T. (org.); DIETRICH, Ana Maria; ALVES, Eliane Bisan; PERAZZO, Priscila Ferreira. **Inventário DEOPS: Alemanha, módulo I**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997. p. 123.

¹⁰⁸ ALVES, Eliane Bisan. **Etnicidade, nacionalismo e autoritarismo: a comunidade alemã sob vigilância do DEOPS (1930-1945)**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2006. 183 p. (Histórias da Repressão e da Resistência, 3). p. 34.

¹⁰⁹ DIETRICH, Ana Maria. O Partido Nazista em São Paulo. In: CARNEIRO, M. L. T. (org.); DIETRICH, Ana Maria; ALVES, Eliane Bisan; PERAZZO, Priscila Ferreira. **Inventário DEOPS: Alemanha, módulo I**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997. p. 27.

a Alemanha. Também poderiam pertencer a alguma associação de auxílio, ser membro do Partido Nazista ou frequentar os clubes alemães da cidade. As redes de espionagem organizaram-se nos grandes centros urbanos como Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, atuando em favor da Alemanha até 1942, quando, a partir da definição do Brasil na guerra ao lado dos Aliados, a Polícia Política implementou um verdadeiro serviço de contra-espionagem com o objetivo de identificar, desbaratar as redes, capturar e prender os espiões.¹¹⁰

Neste processo, o governo brasileiro colocava “sob suspeita qualquer grupo, cidadão ou ação que pudesse desestabilizar o regime”¹¹¹, buscando de várias maneiras, a identificação desses grupos, e a eliminação de qualquer ameaça à identidade brasileira. Carneiro aponta o fato de que “muitos dos poloneses, alemães e italianos perseguidos pela política de nacionalização adotada por Vargas já eram brasileiros natos. No entanto, carregavam o estigma de serem filhos de imigrantes e/ou judeus”¹¹².

Para Carneiro,

a assimilação das minorias étnicas, linguísticas e culturais que haviam se instalado no Brasil desde as últimas décadas, transformaram-se, a partir de 1938, em questão de segurança nacional pois, sob o prisma oficial, ameaçavam a ordem social e a formação da consciência patriótica brasileira.¹¹³

No início dos anos 1940, entretanto, não é somente a manutenção da ordem social e a formação da consciência patriótica brasileira que fez o governo avançar sobre os imigrantes. A Segunda Guerra Mundial já havia eclodido e, a partir de uma pressão dos Estados Unidos, o governo brasileiro se posicionou contra as potências do Eixo. Essa posição foi se radicalizando a partir de 1942, com a participação brasileira no conflito ao lado dos Aliados¹¹⁴. Os imigrantes dos países do Eixo foram tratados então como “inimigos da pátria”, e tornaram-se, para o governo brasileiro, “suspeitos de representarem centros da ação dos países inimigos no território brasileiro”¹¹⁵.

¹¹⁰ PERAZZO, Priscila Ferreira. Espionagem nazista e contra-espionagem policial. In: CARNEIRO, M. L. T. (org.); DIETRICH, Ana Maria; ALVES, Eliane Bisan; PERAZZO, Priscila Ferreira. **Inventário DEOPS: Alemanha**, módulo I. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997. p. 74.

¹¹¹ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. (org.). **Tempos de fascismos: Ideologia–Intolerância–Imaginário**. SP: EDUSP, 2010. p. 435.

¹¹² Ibidem. p. 439.

¹¹³ Ibidem. p. 440.

¹¹⁴ Ibidem. p. 452.

¹¹⁵ GERALDO, Endrica. **O combate contra os “quistos étnicos”**: identidade, assimilação e política migratória no Estado Novo. Locus: revista de história. (Juiz de Fora). v.15, n.1, 2009, p. 171-187. p. 174.

A simples comunicação em sua língua natal para italianos, japoneses e alemães poderia ser o suficiente para defini-los como Cidadãos do Eixo¹¹⁶. Classificá-los dessa forma, para o governo brasileiro, era uma maneira de analisá-los a partir da situação política e militar das nações de origem desses imigrantes, uma vez que possuíam um alto grau de organização e desenvolvimento dos núcleos coloniais¹¹⁷. Segundo Geraldo, durante o Estado Novo se consolidou a preocupação com a possibilidade de divulgação e organização desses grupos, sobretudo os alemães e japoneses, e os italianos em menor grau. Essa organização em torno do nazismo ou do “niponismo”, para o governo brasileiro, poderia ser suficiente para retardar a nacionalização e assimilação desses indivíduos¹¹⁸.

3.2 O DEOPS-SP E A NACIONALIZAÇÃO SPORT CLUB GERMANIA

O caráter centralizador do governo de Vargas, sobretudo a partir do Estado Novo, pôde ser visto também em outras áreas da sociedade brasileira. No caso dos esportes, foi clara a intenção de aproximação do governo brasileiro, que buscava, a partir de elementos disponíveis na prática de esportes, fortalecer a ideia de identidade nacional. Em 1938, com a participação da equipe brasileira na Copa do Mundo de futebol, essa ideia ficou mais nítida. Segundo Alfredo Oscar Salun, “a seleção brasileira adquiriu por iniciativa do Estado o status de símbolo da integração nacional, inclusive mediante pressões sobre as ligas e confederações”¹¹⁹.

A aproximação do governo brasileiro com o esporte pode ser vista já nos primeiros momentos do Estado Novo. Em 1938, o decreto-lei nº 526 criava o Conselho Nacional de Cultura, em que a educação física ficaria então subordinada. Em 1939, agora por parte do governo estadual, foi criada a Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo (DEESP), com o objetivo de oficializar os esportes profissional e amador em São Paulo. Posteriormente, através do decreto-lei 3.199, foi instituída a Comissão Nacional de Desportos. Como ressalta Fábio Franzini, “em termos práticos, sua função refletiria, como muitos desejavam, a ordem política do Estado Novo nos esportes, que seriam disciplinados graças à centralização de poderes e à

¹¹⁶ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. (org.). **Tempos de fascismos: Ideologia–Intolerância–Imagário**. SP: EDUSP, 2010. p. 445.

¹¹⁷ GERALDO, Endrica. **O combate contra os “quistos étnicos”**: identidade, assimilação e política migratória no Estado Novo. *Locus: revista de história*. (Juiz de Fora). v.15, n.1, 2009, p. 171-187. p. 186.

¹¹⁸ *Ibidem*. p. 186.

¹¹⁹ SALUN, Alfredo Oscar. **Palestra Itália e Corinthians: quinta coluna ou tudo buona gente?** 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. pp. 202-203.

corporativização de sua organização”¹²⁰. Como verificamos, antes mesmo da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, já havia, por parte do Estado brasileiro, a criação de mecanismos de controle do esporte brasileiro, procurando manter sob suas rédeas o desenvolvimento do esporte no país.

Salun destaca ainda que os dois clubes abordados em seu trabalho — Corinthians e Palestra Itália — nos dois primeiros anos da Segunda Guerra Mundial se mantiveram indiferentes politicamente ao conflito, concentrando suas forças nas competições que disputavam. Entretanto, a participação brasileira no conflito e o desenrolar do conflito trouxe alterações para os clubes, sobretudo em suas estruturas administrativas, impactando na vida dos associados — formados, em sua maioria, por imigrantes — culminando em processos de nacionalização dessas instituições¹²¹. Esse mesmo processo pôde ser observado no Sport Club Germania, ainda que existissem diferenças entre os clubes — tanto o Corinthians quanto o Palestra Itália, com a profissionalização do futebol na década de 1930, já eram clubes populares, enquanto o Germania focava no esporte amador.

Para tentar compreender o processo de nacionalização do SCG, vamos nos ater aos documentos contidos no prontuário do DEOPS-SP do clube, de número 10.051¹²². Embora o prontuário esteja com a documentação desorganizada, sem que as folhas estejam dispostas em um padrão cronológico, ao observarmos as datas da documentação, visualizamos que o primeiro documento é do ano de 1939, antes do início dos conflitos da Segunda Guerra Mundial. O documento é um atestado fornecido pelo Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo, vinculado à Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde Pública à época. Assinado por Edmundo Carvalho, Diretor Geral, o atestado de 21 de julho garante que o Sport Club Germania estava “cumprindo seu programa esportivo dentro dos princípios amadoristas, sem explorar qualquer espetáculo esportivo”¹²³.

No ano anterior, o clube já havia se prontificado em tentar se adequar ao decreto-lei nº 383 de 18 de abril de 1938¹²⁴. No prontuário sobre o clube do DEOPS-SP, temos acesso ao

¹²⁰ FRANZINI, Fábio. **As Raízes do País do Futebol**: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950). Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. p. 67.

¹²¹ SALUN, Alfredo Oscar. **Palestra Itália e Corinthians**: quinta coluna ou tudo buona gente? 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 200.

¹²² O prontuário DEOPS-SP N.º 10.051, referente ao Esporte Clube Pinheiros/Sport Club Germania está disponível para consultas físicas no Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP). O arquivo foi consultado pessoalmente no dia 22 de outubro de 2019, antes do início da pandemia do novo coronavírus.

¹²³ *Prontuário N.º 10.051 do DEOPS-SP, sobre Esporte Clube Pinheiros/Sport Club Germania*, fls. 61.

¹²⁴ *Decreto-lei n.º 383, de 18 de abril de 1938*.

estatuto votado em assembleia no dia 12 de setembro de 1938, no qual uma importante mudança no estatuto foi votada: a de excluir a barreira linguística — isto é, a necessidade de o associado conhecer o idioma alemão, presente nos estatutos desde o início do século XX, como vimos anteriormente. Supomos, entretanto, que essa mudança tenha desagradado alguns associados, ainda que em baixo número, uma vez que a mudança foi aprovada por votação. No mês seguinte, no dia 12 de outubro, o advogado do clube emitiu um parecer, divulgado pelo clube como um comunicado¹²⁵, acerca das mudanças necessárias na estrutura do clube para se adequar à nova legislação. Segundo o decreto-lei, que vedava aos estrangeiros a atividade política em solo brasileiro,

Art. 3º É lícito aos estrangeiros associarem-se para fins culturais, beneficentes ou de assistência, filiarem-se a clubes e quaisquer outros estabelecimentos com o mesmo objeto, bem assim reunirem-se para comemorar suas datas nacionais ou acontecimentos de significação patriótica.

§ 1º. Não poderão tais entidades receber, a qualquer título, sub-venções, contribuições ou auxílios de governos estrangeiros, ou de entidades ou pessoas domiciliadas no exterior.

(...)

Art. 5º Das entidades a que se refere o art. 3º não podem no entanto fazer parte brasileiros, natos ou naturalizados, e ainda que filhos de estrangeiros.¹²⁶

Neste sentido, como os estatutos do SCG apontavam a necessidade da compreensão do idioma alemão, caso optassem por manter essa barreira, o clube passaria a ser identificado como uma sociedade alemã, e muitos dos seus associados, ainda que filhos de alemães, mas nascidos no Brasil, seriam obrigados a deixar de fazer parte da associação. Sendo assim, o próprio advogado do clube explicava que a eliminação dessa barreira nos estatutos, de modo que o Germania pudesse se manter como um clube brasileiro, não extinguiria o “espírito alemão”, que ainda poderia ser cultivado dentro de suas dependências. Embora levantasse também os pontos negativos dessa mudança, como, por exemplo, a realização das assembleias em língua portuguesa, esse caminho era o mais simples dadas as condições do momento. Segundo o Dr. Lehfeld, assim identificado no documento, sem menção ao primeiro nome,

A citada lei 383 não determina especificamente o que se entende como sociedades estrangeiras, mas ela foi interpretada pelo Ministro da Justiça, em diversos casos respectivamente em consultas de sociedades, como devendo ser consideradas como

¹²⁵ Assim como no estatuto do clube de 1904, o documento original está na língua alemã, e a tradução disponível no Acervo Online do Centro Pró-Memória Hans Nobiling, dentro do site do Esporte Clube Pinheiros, é do próprio clube, sem data e sem autoria identificada. Para a realização do trabalho, utilizaremos essa tradução. O documento foi acessado em 17 de janeiro de 2021.

¹²⁶ *Decreto-lei nº 383, de 18 de abril de 1938.*

sociedades estrangeiras aquelas que em seus estatutos condicionam a filiação a pertencer a uma determinada nacionalidade, isto é determinar como objetivo e finalidade da sua existência exclusivamente o cultivo do relacionamento com a pátria estrangeira e da cultura estrangeira. Deste modo eram consideradas sem dúvida como sociedades locais nacionais aquelas que não tratavam os seus sócios de maneira discriminatória e em cujos estatutos o elemento estrangeiro não é salientado. O Sport Club Germania que como indica o seu nome, tem por finalidade o cultivo de esportes que é internacional, poderia sem dúvida ser considerado como clube brasileiro que não se encaixa na regulamentação da lei 383, caso ele mudasse os seus estatutos no sentido acima, por exemplo que não faz a sócio comum depender do conhecimento das duas línguas, isto é, da do país e da alemã, e também não salienta especialmente o relacionamento com a pátria alemã o que de nenhuma forma impediria que no clube continuasse a ser cultivado o espírito alemão.¹²⁷

Na década de 1930, essa parece ter sido a única adequação pela qual o clube passou em relação às mudanças impostas pelo Estado Novo. Internamente, não foi possível analisar possíveis dissidências de associados ou reclamações, uma vez que não tivemos acessos às atas das reuniões daquele período. Assim como no trabalho de Salun, em que ele aponta que tanto o Palestra Itália quanto o Corinthians passaram pelos anos iniciais da Segunda Guerra alheios ao conflito — isto é, a polícia parece não ter se interessado em realizar investigações nesses espaços —, esse parece ter sido também o caso do Germania. Na própria documentação contida no prontuário do DEOPS-SP, vimos que, tirando o documento de 1939 citado anteriormente, o ano em que o clube entra de fato no radar da polícia é 1942, quando o Brasil se junta aos Aliados no conflito. Segundo Salun,

O contexto apontava para um acomodamento das tensões, mas uma grande virada ocorreu no de 1942, que foi, de modo geral, um período crítico para os clubes, inclusive com a atuação sistemática dos agentes policiais em relação às entidades que tivessem ligação com os imigrantes, principalmente quando fosse súditos do Eixo. Rapidamente os reflexos da entrada dos Estados Unidos na guerra chegaram ao Brasil com consequências na política interna e externa e, por decorrência, na vida social de inúmeros imigrantes e seus descendentes.¹²⁸

No primeiro mês do ano já é possível perceber movimentações com o intuito de observar o clube mais de perto. No dia 26 de janeiro, o então 1º secretário do clube, Arthur Ravache, compareceu à sede do DEOPS em São Paulo e assinou um Termo de Declarações¹²⁹ no qual

¹²⁷ *Comunicado do Sport Club Germania aos associados, com o título de “Gutachten”, datado de 12 de outubro de 1938.*

¹²⁸ SALUN, Alfredo Oscar. **Palestra Itália e Corinthians: quinta coluna ou tudo buona gente?** 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 210.

¹²⁹ *Prontuário N.º 10.051 do DEOPS-SP, sobre Esporte Clube Pinheiros/Sport Club Germania, fls. 57-60 e anexos.*

dava explicações sobre a condição do clube naquele momento. Segundo Ravache, como consta no documento, o clube estava obedecendo a legislação vigente, tanto em relação à nacionalização, quanto em relação à composição da diretoria. Junto à declaração de Ravache foram anexadas duas cópias do estatuto do SCG e uma lista dos membros que compunham a diretoria do clube naquele momento, sendo o presidente, Artur Stickel, brasileiro naturalizado, e o 1º tesoureiro, Eugenio Frederico Deininger, alemão. Os outros dez nomes listados no documento eram nascidos em solo brasileiro, a saber: Oscar Reynaldo Mueller-Caravelas, Arthur Ravache, Rodolfo Schneider, Francisco Aguiar Diederichsen, Walter Kutzleben, Alberto Schmoelz, Alfredo Schaefer, Hans Dick, Francisco Eduardo Huegel e Hans Rieckmann. No mesmo dia, em ofício endereçado ao diretor da Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo, o delegado especializado do DEOPS-SP, Manoel Ribeiro da Cruz, solicitava que o alvará de funcionamento do clube não fosse renovado¹³⁰. O argumento utilizado pelo delegado era de que o clube mantinha entre os diretores membros que não eram brasileiros natos. Até essa data, entretanto, isso não era necessariamente um problema, isto é, o clube não estava “fora de lei”.

Segundo o decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que instituiu o Conselho Nacional de Desportos (CND), vinculado ao Ministério da Educação e Saúde, no seu artigo 51º, “as diretorias das entidades desportivas serão compostas de brasileiros natos ou naturalizados; os seus conselhos deverão constituir-se de dois terços de brasileiros natos ou naturalizados pelo menos”¹³¹. Desde que não ultrapassasse um terço do número total de diretores, ter estrangeiros na composição da diretoria não configurava um desvio da legislação. Ainda que dois membros não fossem brasileiros natos, o clube estaria dentro da lei justamente por não ultrapassar esse limite.

Segundo Salun, o CND era uma diretriz aos órgãos estaduais, cabendo a eles a aplicação de novas medidas¹³². No dia 03 de fevereiro de 1942, a portaria de n.º 2 da DEESP, publicada no Diário Oficial do Estado, trazia uma série de medidas em relação aos estrangeiros, o que, de certa maneira, acompanhava as movimentações realizadas pela polícia política nos dias anteriores à divulgação da legislação:

¹³⁰ *Prontuário N.º 10.051 do DEOPS-SP, sobre Esporte Clube Pinheiros/Sport Club Germania*, fls. 79-80.

¹³¹ *Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941*.

¹³² SALUN, Alfredo Oscar. **Palestra Itália e Corinthians**: quinta coluna ou tudo buona gente? 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 213.

As sociedades esportivas que não se nacionalizaram nos termos da legislação em vigor, bem como as estrangeiras, serão dirigidas, fiscalizadas ou mesmo terão cassados os seus registros por esta Diretoria, e acordo com as conveniências;
 As sociedades que tenham sócios estrangeiros, brasileiros naturalizados ou brasileiros de ascendência estrangeira, serão fiscalizadas não só no que diz respeito às suas atividades como à sua economia;
 Estas disposições poderão ser aplicadas a qualquer sociedade;
 As referidas sociedades terão o alvará de funcionamento suspenso ou negado quando algum dos membros da diretoria, estrangeiro ou brasileiro, não parecer suficientemente zeloso nos interesses nacionais;¹³³

Além disso, a portaria trazia também outras medidas que deixaram mais clara a intenção de inibir qualquer tipo de relacionamento entre os clubes e os países com os quais o Brasil tinha cortado vínculos diplomáticos por conta da guerra:

- a) realizar qualquer reunião de associados ou pessoas estranhas, diretoria, conselho, assembléia ordinária ou extraordinária, sem autorização desta Diretoria e assistência de um seu representante;
- b) realizar qualquer despesa, transação, transferência de bens ou valores, levantamento de capital, movimento de fundos, sem o visto desta Diretoria;
- c) usar em sua sede ou biblioteca livros, jornais ou revistas, editados em língua estrangeira, bem como documentos, atas, circulares ou avisos;
- d) realizar reuniões ou homenagens comemorativas de fatos ou personalidade pertencentes aos Estados que não mantém relações diplomáticas com o Brasil;
- e) permitir que em sua sede ou no recinto social sejam cantados ou tocados hinos dos países cujas relações diplomáticas foram cortadas pelo Brasil;
- f) que seus associados ou visitantes usem saudações peculiares aos países com os quais não mantemos relações diplomáticas;
- g) que no recinto social sejam ouvidas irradiações do estrangeiro;
- h) ter nas suas sedes retratos, bustos ou alusões a membros dos governos estrangeiros dos Estados cujas relações diplomáticas tenham sido rompidas pelo nosso Governo;
- i) comentários, na sede ou no recinto social de fatos referentes à situação internacional, bem como de propaganda política, filosófica ou ideológica.¹³⁴

Como vemos, a legislação agora tornava-se bem mais rígida, sem muito espaço para interpretações dúbias ou brechas que pudessem garantir a continuidade de estrangeiros na composição das diretorias dos clubes. Dois dias após solicitar o pedido de não-renovação do alvará de funcionamento do clube, o delegado Elpídio Reali solicitava que o presidente do SCG, Artur Stickel, fosse notificado sobre a cassação do alvará. No despacho era citado que a decisão obedecia às instruções do Ministro de Justiça, emitidas no dia 17 de janeiro de 1942. Infelizmente, não encontramos o documento em questão, de modo que acreditamos que a portaria da DEESP de 03 de fevereiro de 1942 tinha como objetivo legislar no estado de São

¹³³ *Diário Oficial do Estado de São Paulo, 03 de fevereiro de 1942, p. 2.*

¹³⁴ *Diário Oficial do Estado de São Paulo, 03 de fevereiro de 1942, pp. 2-3.*

Paulo as medidas oriundas do governo federal, como o decreto-lei n.º 3.199/41 e as instruções citadas, ainda que na prática elas já tivessem sido tomadas pelo DEOPS-SP.

Fato é que essa movimentação por parte da polícia provocou mudanças rápidas na estrutura do clube. No dia 07 de fevereiro, uma nota publicada no Diário Oficial do Estado convocava os associados do clube para uma assembleia geral extraordinária naquele mesmo dia, às 15 horas. Na pauta estavam os seguintes assuntos: “a) Reorganização do clube, de acordo com a legislação em vigor; b) Eleição do novo Conselho Deliberativo; c) Outros assuntos de interesse social”¹³⁵. A nota era assinada por Henrique Villaboim, “interventor designado pela Diretoria de Esportes do Estado”¹³⁶. Não sabemos exatamente em qual data ele foi designado como interventor no clube, mas os documentos apontam para essa mudança entre os dias 29 de janeiro e 05 de fevereiro, intervalo entre a cassação do alvará e a convocação da assembleia geral extraordinária. Segundo uma publicação oficial do Esporte Clube Pinheiros¹³⁷, Villaboim era genro de Fernando Costa, que fora ministro da Agricultura durante os anos iniciais do Estado Novo e naquela altura era interventor federal em São Paulo, tendo iniciado no cargo em junho de 1941¹³⁸. Os documentos não apontam, entretanto, se apenas essa ligação com o interventor federal foi capaz de garantir a nomeação de Villaboim, ou se havia outra relação entre ele e os membros do Sport Club Germania.

A nomeação de Villaboim garantiu que o processo de nacionalização do clube ocorresse rapidamente, acarretando em uma diminuição das investigações sobre o clube no ano de 1942. Se nos atermos ao prontuário do clube do DEOPS-SP, ainda que possamos admitir possíveis extravios de documentação, veremos que neste ano em específico, após a nomeação de Villaboim, não há grande interesse por parte da polícia em acompanhar o clube. A velocidade no processo de nacionalização pode ter sido um fator importante para essa relação mais branda entre a polícia e o clube. Em março de 1942, a nota do Correio Paulistano, publicada no dia 18, era a seguinte:

Na sede social do ex-Sport Club Germania, realizou-se uma reunião conjunta da diretoria provisória e da Comissão nomeada pela Assembleia Geral de 7 de fevereiro último para a reforma dos estatutos sociais, ficando aprovado o projeto que deverá ser

¹³⁵ *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 07 de fevereiro de 1942, p. 56.

¹³⁶ *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 07 de fevereiro de 1942, p. 56.

¹³⁷ ESPORTE CLUBE PINHEIROS. **Germania-Pinheiros**: mudando de nome sem perder a esportiva. Revista Pinheiros, São Paulo, n.º 167, março, 2012. p. 55.

¹³⁸ PANTOJA, Silvia. **Fernando de Sousa Costa**. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fernando-de-sousa-costa>> Acesso em: 15 jul. 2021.

submetido à aprovação do Conselho Deliberativo a ser convocado com a possível brevidade.

Ficou, todavia, decidido desde logo, afim de atender à orientação decorrente das medidas determinadas pelas autoridades superiores, que a denominação do clube ficaria alterada para a de Esporte Clube Pinheiros, com a qual o mesmo passará a tomar parte em todas as competições esportivas, para as quais já se achava inscrito com o nome anterior.¹³⁹

Além da mudança de nome e dos estatutos, foi nesse período que se discutia a fusão com outra agremiação de origem teuto-brasileira: a Sociedade Germania. Fundada dez anos antes do SCG, a Sociedade Germania também funcionava como um clube de lazer para a comunidade alemã em São Paulo, embora não haja registros de participação da agremiação em competições esportivas. No prontuário produzido pelo DEOPS-SP, também encontramos ofícios e pedidos para cassação do alvará de funcionamento da sociedade em janeiro de 1942. Supomos que a relação entre as duas entidades era harmoniosa, sendo provável que muitos associados fizessem parte de ambas agremiações, como era o caso do presidente da entidade, Hans Rieckmann, que na ocasião era também suplente da diretoria do SCG. Assim como Ravache havia comparecido ao DEOPS-SP e feito um Termo de Declarações sobre a situação do SCG, Rieckmann fez o mesmo em relação à Sociedade Germania, se comprometendo a colaborar com a polícia e garantindo que os dois diretores que não eram brasileiros natos, Alfredo Hermann, vice-presidente, e Ulrich Richter, 1º tesoureiro, seriam desligados de suas funções¹⁴⁰.

Acreditamos que a pressão exercida pelas novas legislações, bem como a vontade em preservar o patrimônio dos clubes, tenham sido essenciais na discussão dessa fusão. Sem dúvidas, a participação de Rieckmann em altos cargos nos dois clubes, sendo o presidente de um, e no mínimo influente no outro, foi também outro elemento de extrema importância para que essa ideia saísse do papel. Com exceção do nome, já definido nos meses de fevereiro e março, e ratificado por unanimidade, as mudanças estatutárias, a eleição da primeira diretoria do Esporte Clube Pinheiros, bem como a fusão com a Sociedade Germania, foram efetivadas em abril daquele ano, em reunião do Conselho Deliberativo realizada no dia 18, em que estiveram presentes 104 conselheiros, segundo consta na ata da reunião¹⁴¹. A composição da diretoria também teve mudanças a partir dessa reunião. Além do presidente, ainda com Villaboim no cargo máximo, muitos dos nomes eleitos na assembleia não apareciam em

¹³⁹ *Correio Paulistano*, 18 de março de 1942, p. 8.

¹⁴⁰ *Prontuário N.º 10.051 do DEOPS-SP, sobre Esporte Clube Pinheiros/Sport Club Germania*, fls. 14.

¹⁴¹ *Ata da primeira reunião do Conselho Deliberativo do Esporte Clube Pinheiros, realizada em 18 de abril de 1942*, p. 1.

documentos anteriores do clube, sendo a maioria dos sobrenomes não-alemães. Se mantiveram com certa importância no clube Oscar Reynaldo Mueller Caravellas, eleito vice-presidente, Francisco Eduardo Julio Huegel, 1º tesoureiro, Hans Rieckmann, como diretor auxiliar e Hans Dick como membro do Conselho Fiscal¹⁴².

Fica difícil, entretanto, elucidar a existência de possíveis dissidências e rachas internos a partir das mudanças efetuadas com a intervenção do governo, na figura de Henrique Villaboim. Mesmo com grandes mudanças na composição da direção do clube, os documentos apontam que elas foram acatadas sem grandes problemas por aqueles que se mantiveram com certo prestígio e importância dentro do clube e que tinham poder de voto nas reuniões. O prontuário do DEOPS-SP tem poucos documentos do ano de 1942, sendo a maioria deles dos meses de janeiro e fevereiro, período crítico e de maior intervenção da polícia assim que o governo brasileiro passou a colaborar com os Aliados durante a Guerra, mas dos meses seguintes há uma escassez, de modo que é possível também pensar em possíveis extravios — ou mesmo pouco interesse pelo clube, uma vez que um interventor já havia sido designado para cuidar dos assuntos internos. Já as atas das reuniões do período, as que ratificaram as mudanças pelas quais o clube passou, também não apresentam pontos de vista distintos de associados durante as sessões, ficando difícil também saber se houve comparecimento de associados contrários às mudanças. Apenas uma nota do *Correio Paulistano*, em outubro de 1942, traz um problema de depredação no clube envolvendo esportistas contra o processo de nacionalização — mas seis meses após sua efetivação:

A direção do Esporte Clube Pinheiros vem encontrando certa dificuldade por parte de várias associações para a completa nacionalização do clube.

Formou-se mesmo no clube de Pinheiros um bloco numeroso que, por meios condenáveis vem opondo essa transformação, chegando até a depredar várias dependências da sede.

Por motivos que se prendem a essa situação, foi imposta uma suspensão de seis meses ao nadador Willy Jordan, e alguns tenistas sofreram penalidades.¹⁴³

No período compreendido entre os anos de 1943 e 1945, há um aumento da presença de documentos dentro do prontuário do clube organizado pela polícia política. Chama a atenção que o primeiro deles é um documento do escritório do advogado Paulo Lauro, assinado pelo próprio, direcionado ao Coronel Superintendente de Ordem Política do Estado. No documento,

¹⁴² *Ata da primeira reunião do Conselho Deliberativo do Esporte Clube Pinheiros, realizada em 18 de abril de 1942*, p. 2-3.

¹⁴³ *Correio Paulistano*, 29 de outubro de 1942, p. 8.

Paulo Lauro propõe, “usando o direito de representação que lhe é outorgado pela Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil”, representar o Estado em “defesa dos interesses políticos” deste. E o motivo pelo qual Lauro desejava representar o país era simples: um de seus clientes assinou uma proposta para se associar ao Esporte Clube Pinheiros, juntamente com sua esposa e filho, porém foram recusados por “sua comissão de sindicância” que se reuniu em “secção secreta”. Tanto o cliente como o advogado viam na recusa uma forma de “ferir o brio do Brasil e dos brasileiros”¹⁴⁴. O DEOPS-SP, na figura do delegado adjunto Fernando B. Pereira da Rocha, questionou a direção do clube, via ofício, sobre a recusa dos novos associados. No ofício do Esporte Clube Pinheiro, assinada pelo 1º secretário, Francisco de Andrade Souza Netto, a resposta era a seguinte:

Quanto aos motivos que ocasionaram a recusa da proposta do Dr. Paulo Lauro para o nosso quadro de sócios, nada podemos informar a respeito a V.S., porquanto a referida proposta, seguindo a rotina habitual, foi submetida à nossa Diretoria e recusada por votação secreta.¹⁴⁵

A resposta foi aceita pelo delegado, que solicitou o arquivamento da representação do advogado Paulo Lauro, “visto que se tratando de assunto privativo daquela sociedade recreativa-esportiva, não pode ser apreciado por esta Superintendência”¹⁴⁶. O autor Plínio José Labriola de Campos Negreiros aponta que, dada a situação pela qual passava o ECP naquele momento, a tentativa do advogado e seu cliente era uma forma de se aproveitar da fragilidade do clube, com a tentativa de conseguir uma vaga como sócio no clube via poder público¹⁴⁷. Por outro lado, a facilidade com o que o DEOPS-SP aceitou a resposta do clube, respeitando a decisão interna, também causa espanto, uma vez que as legislações naquele momento significavam um maior acompanhamento por parte da polícia em cima das sociedades que estavam se nacionalizando. Negreiros também faz esse reconhecimento, porém sem explorá-lo profundamente.

Ao continuar a análise do prontuário do clube, vemos que esse tipo de situação se repete após o caso envolvendo o advogado Paulo Lauro. Ainda em abril de 1943, por exemplo, um ofício do General Comandante da 2ª Região Militar, da II Infantaria, solicita que a Superintendência do DEOPS-SP averigue o clube, citado no documento ainda como Germania,

¹⁴⁴ *Prontuário N.º 10.051 do DEOPS-SP, sobre Esporte Clube Pinheiros/Sport Club Germania*, fls. 46-49.

¹⁴⁵ *Prontuário N.º 10.051 do DEOPS-SP, sobre Esporte Clube Pinheiros/Sport Club Germania*, fls. 52.

¹⁴⁶ *Prontuário N.º 10.051 do DEOPS-SP, sobre Esporte Clube Pinheiros/Sport Club Germania*, fls. 53.

¹⁴⁷ NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **A nação entra em campo**: futebol nos anos 30 e 40. 1998. 355 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998. p. 236.

apesar de nessa altura já ter alterado seu nome. Segundo consta no documento, o Comando havia sido informado de que o que o ECP continuava “influenciado por alemães”, que se reuniam em “uma sala onde só entram cidadãos de nacionalidade alemã, os quais se entendem em linguagem germânica, com desrespeito à legislação brasileira vigente”¹⁴⁸. Durante a investigação, foi recolhido um documento que relacionava os membros da diretoria do clube, com seus nomes, origens e local de residência, além de uma série de cargos vagos, que seriam preenchidos em reunião posterior¹⁴⁹. Isso parece ter sido o suficiente para o DEOPS-SP, de modo que o delegado adjunto, Lutgardes Peggi de Figueiredo, respondeu o ofício inicial da seguinte maneira:

Após várias investigações reservadas na sede do antigo Club Germania, hoje Pinheiros chegou-se à conclusão de que ali não se realizam reuniões de alemães e que estes, dada a interferência dos brasileiros, estão, aos poucos, se desinteressando pelo Club.¹⁵⁰

As respostas demonstram um baixo interesse em observar todas as instâncias do clube, e são sempre curtas e garantindo que o clube está em ordem com as investigações. Claro, é possível supor que relatórios produzidos no período tenham, de algum modo, se extraviado e não façam parte do prontuário, mas é uma possibilidade remota dada a sistematização da polícia política no período. Apesar do prontuário do clube ser grande, no sentido de possuir diversas folhas, muitos dos documentos ali contidos são documentos dos clubes — SCG e Sociedade Germania —, como relação de membros e estatutos, que acabam por garantir o seu tamanho. Há, também, a presença de salvo-condutos para os competidores e outros membros do clube durante o período do conflito, sempre com solicitações emitidas pelo clube, e depois acatadas pela polícia. Acreditamos que essa “credibilidade” da qual o clube desfrutava nas investigações se deve ao fato de sua nacionalização ter ocorrido rapidamente e, aparentemente, sem grandes problemas. Com um interventor dentro do clube, havia certa garantia de que o controle sobre o clube funcionava sem precisar do deslocamento de investigadores e grande produção de relatórios, de modo que, ao receber queixas e pedidos de investigação por influências alemãs, a polícia era capaz de responder rapidamente. A celeridade do processo de nacionalização também é citada em uma publicação oficial do próprio Pinheiros:

¹⁴⁸ *Prontuário N.º 10.051 do DEOPS-SP, sobre Esporte Clube Pinheiros/Sport Club Germania*, fls. 84.

¹⁴⁹ *Prontuário N.º 10.051 do DEOPS-SP, sobre Esporte Clube Pinheiros/Sport Club Germania*, fls. 38.

¹⁵⁰ *Prontuário N.º 10.051 do DEOPS-SP, sobre Esporte Clube Pinheiros/Sport Club Germania*, fls. 84 (verso).

A propósito da rápida nacionalização, do “Germânia”, admitindo, indiscriminadamente novos associados, sem deter-se a Diretoria em sindicâncias demoradas, com o objetivo de evitar a encampação, fez com que passassem a integrar o nosso quadro social, na época, elementos de ambos os sexos que, absolutamente, não condiziam com a categoria social da entidade.¹⁵¹

O trecho, aliás, também aponta para o perfil dos associados do clube antes de sua nacionalização. Ao dizer que “não condiziam com a categoria social da entidade”, acreditamos não se tratar apenas da questão étnica tão cara ao clube até então, mas também da posição social que ocupavam. Como vimos no capítulo anterior, os documentos demonstravam uma predileção do clube pelas camadas mais médias e altas dentro do grupo teuto-brasileiro de São Paulo. Neste sentido, durante a análise do prontuário, chama a atenção a quase inexistência de menções ao nazismo ou reuniões nazistas dentro do clube — sobretudo, se considerarmos a alta adesão ao nazismo das classes médias. De fato, não parece ter sido preocupação para a polícia inibir ou desatar possíveis elos entre o clube e o regime alemão. É sabido que essa ligação existia dentro do clube e, ao menos durante os anos 1930, diversos eventos aconteceram ainda no SC Germania que objetivavam reunir os adeptos do Terceiro Reich. Na mesma publicação oficial do ECP, nos anos 1960, havia a menção aos desfiles nazistas que ocorreram dentro do clube:

Sendo o Brasil, no início do conflito, país neutro, realizavam os sócios do “Germânia” demonstrações em nossos campos de esporte, inclusive, mesmo, desfiles com muitos associados ostentando o uniforme da “cruz gamada nazista”, com o pavilhão da cruz swástica.

Não escapou o Brasil à fome voraz da guerra e ei-lo a enviar seus filhos à Europa, para os campos de batalha. As colônias italiana e alemã, que formavam então o “eixo”, se recolheram temerosas, evitando quaisquer atos que pudessem incriminá-las, ante a posição tomada pelo país.¹⁵²

Na tese de doutorado de Ana Maria Dietrich, *Nazismo Tropical? O partido nazista no Brasil*, também há diversas menções de atividades festivas do partido em diversas cidades do país. Em São Paulo, houve participação de dirigentes e pessoas ligadas ao clube em diversas ocasiões. Em 1933, por exemplo, durante sua visita ao país, o enviado alemão para averiguar o Brasil, Arthur Schmidt-Elskop,

Constatou que a colônia, já nesta época, comemorava as festividades ligadas ao calendário do governo alemão, como a festa de Bismark, e compareceu a ela. Ficou

¹⁵¹ RIBAS, M. G. **História do Esporte Clube Pinheiros**. São Paulo: Esporte Clube Pinheiros, 1969. p. 38.

¹⁵² *Ibidem*. p. 32.

com uma boa impressão: além do grupo regional do partido nazista, estavam presentes a Sociedade dos Ex-combatentes da 1ª Guerra e alguns dirigentes do Clube Germânia (atual Pinheiros), além, destacou, da “liderança conciliadora do chefe do partido nazista no Brasil, Hans Henning von Cossel”.¹⁵³

O clube foi palco também de encontros entre os diversos grupos que compunham o Partido Nazista em solo brasileiro, como é o caso da Associação de Trabalho das Mulheres no Exterior:

Uma data especial para as mulheres nazistas residentes no Brasil era o Dia das Mães. Em maio de 1936, 300 mães alemãs de São Paulo e redondezas se encontraram em um evento no clube Germânia organizado pela Associação de Trabalho das Mulheres no Exterior.¹⁵⁴

E também da Juventude Hitlerista:

O ex-integrante da Juventude Hitlerista, Alfred Kepler, conseguiu entrar no partido graças à influência do seu pai, que era integrante do partido nazista no Brasil. Ele quis entrar na Juventude Hitlerista, que se reunia no Clube Germânia (atual Clube Pinheiros) devido a uma história de amor com uma nadadora do clube (...).¹⁵⁵

A Sociedade Germania, clube que se fundiu com o Sport Club Germania na nacionalização ocorrida em 1942, também recebia festividades semelhantes durante a década de 1930, como foi o caso de uma festa promovida pela Ajuda de Inverno Alemã:

Em São Paulo, a festa de 1938 aconteceu em diversos locais simultaneamente: na Escola Alemã Mooca-Brás, na Sociedade Germania, em um Salão em Indianópolis e no clube esporte do Canindé, unindo assim diversos grupos locais do partido nazista, o grupo de São Paulo leste, oeste, sul e norte — organização semelhante ao Rio de Janeiro.¹⁵⁶

Como vimos, essas festividades não eram segredo e aconteciam em diversas ocasiões. Durante a década de 1930, não era um problema para o governo brasileiro, que apesar do conhecimento da existência do Partido Nazista em diversas regiões do país, começou a limitar a participação política já no fim da década, em movimento que se intensificou com a entrada

¹⁵³ DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo tropical? O partido Nazista no Brasil**. 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10072007-113709/pt-br.php>>. Acesso em: 20 jul. 2021. p. 243.

¹⁵⁴ Ibidem. p. 294.

¹⁵⁵ Ibidem. p. 306.

¹⁵⁶ Ibidem. p. 331.

do Brasil na guerra em 1942. A menção ao nazismo no prontuário aconteceu apenas no ano de 1945, em 17 de outubro, mais de um mês após o fim da guerra. No trecho, o oficial de polícia garante a inexistência de simpatizantes dentro do clube:

Informamos a V.S., que o ESPORTE CLUBE PINHEIROS, ex-Germania, vem funcionando regularmente, mantendo-se em posição puramente esportiva. Neste Serviço nada consta com referência a existência de sócios simpatizantes do nazismo, na sociedade em apreço.¹⁵⁷

Neste sentido, a atuação do DEOPS-SP em relação ao clube, vista a partir da documentação contida no prontuário, fica confusa, uma vez que essa não parece ser uma preocupação evidente nos ofícios e memorandos ali presentes. Nos trabalhos de Priscila Ferreira Perazzo¹⁵⁸ e Ana Maria Dietrich¹⁵⁹, as autoras citam que nem sempre essa menção ficava clara nos autos, de modo que a própria suspeição já era um indício da “culpa” do investigado para a polícia política. De qualquer modo, a existência de poucos documentos investigatórios nos chama a atenção no caso específico do SCG/ECP, apesar do prontuário ser grande, como relatado por autores como Streapco, Salun e Negreiros.

Com base nos nomes presentes ao longo do prontuário do clube, uma pesquisa na base de dados do Arquivo Público do Estado de São Paulo foi realizada com o objetivo de verificar se nomes importantes da diretoria do clube eram também investigados pelo DEOPS-SP de maneira individual. Ainda que essa pesquisa tenha sido feita apenas de maneira parcial — com a pandemia, apenas a existência das fichas foi verificada; consultas aos prontuários não foram realizadas —, foi possível constatar que alguns dos nomes também eram de interesse da polícia política. Embora várias fichas tenham sido encontradas, na maioria delas o motivo pela abertura do prontuário, seja pela atividade ou pelo histórico, não fica claro, sendo plausível que a motivação seja também por serem alemães. Entretanto, chamam a atenção as fichas de Hans Dick, eleito para o Conselho Fiscal do Pinheiros em 1942, Hans Rieckmann, presidente da então Sociedade Germania e eleito diretor auxiliar do ECP, e Oscar Reynaldo Mueller Caravellas,

¹⁵⁷ *Prontuário N.º 10.051 do DEOPS-SP, sobre Esporte Clube Pinheiros/Sport Club Germania*, fls. 2 (verso).

¹⁵⁸ Cf. PERAZZO, Priscila Ferreira. **O perigo alemão e a repressão policial no estado novo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999. 278 p.

¹⁵⁹ Cf. DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo tropical? O partido Nazista no Brasil**. 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10072007-113709/pt-br.php>>. Acesso em: 20 jul. 2021. & DIETRICH, Ana Maria. **Caça às Suásticas: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007. 388 p. (Histórias da Repressão e da Resistência, 2).

eleito vice-presidente. Dick é listado como integralista¹⁶⁰ em sua ficha, enquanto na ficha de Rieckmann é citado que ele mantém “relações de amizade com o elemento adepto ao nazismo: Oscar Reynaldo Mueller Caravellas”¹⁶¹, embora não conste nada na ficha deste último¹⁶². Esses nomes se mantiveram com certa importância dentro do clube, ainda que investigações sobre eles estivessem acontecendo em paralelo — lembrando, claro, que os prontuários não foram verificados para saber exatamente os teores dessas possíveis investigações.

De qualquer forma, no caso específico do Sport Club Germania e do Esporte Clube Pinheiros, a relação entre membros do clube e o nazismo era perceptível, mas não parece ter sido determinante para a polícia política, que se ateuve em outros elementos para provocar a nacionalização do clube — neste caso, sobretudo seguindo a legislação contra estrangeiros vigente no momento. Era o caráter nacionalista do Estado Novo que guiava essa movimentação. Tal qual o Palestra Itália, o Hespânia e o Palestra Itália de Belo Horizonte, em comum a obrigação de “mudar de nome em função do ‘interesse nacional’.”¹⁶³ Em contrapartida, para os membros da diretoria e pessoas importantes do clube, esse movimento de rápida nacionalização e adequação às novas legislações também não parece ter sido um problema, pois são poucos os sinais de ruptura presentes nas documentações analisadas, além do desligamento daqueles membros nascidos fora do país; para os brasileiros, ainda que fizessem parte da comunidade teuto-brasileira, garantiu-se certa continuidade, ainda que com o passar dos anos houvesse um desinteresse, como no documento citado do DEOPS-SP. Alguns nomes se mantiveram presentes ativamente com o passar dos anos, como Caravellas, que tornou-se presidente do clube após o mandato de Villaboim¹⁶⁴.

¹⁶⁰ *Ficha remissiva do Prontuário N.º 43.433 do DEOPS-SP, sobre Hans Dick.*

¹⁶¹ *Ficha remissiva do Prontuário N.º 46.916 do DEOPS-SP, sobre Hans Frederico Ludwig Rieckmann.*

¹⁶² *Ficha remissiva do Prontuário N.º 9.795 do DEOPS-SP, sobre Oscar Reinaldo Muller Caravellas.*

¹⁶³ FRANZINI, Fábio. **As Raízes do País do Futebol**: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950). Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. p. 73.

¹⁶⁴ RIBAS, M. G. **História do Esporte Clube Pinheiros**. São Paulo: Esporte Clube Pinheiros, 1969. p. 88.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a abertura do escopo do trabalho, naturalmente trabalhar com um recorte temporal maior trouxe uma série de desafios e necessidades ao longo do desenvolvimento do trabalho. Cortes foram necessários, de modo que diversos assuntos acabaram por ficar de fora no desenrolar do texto. Com a proposta de compreender os anos iniciais do Sport Club Germania, verificou-se como Hans Nobiling e os seus companheiros das primeiras partidas do *association football* estavam inseridos no contexto dos primeiros anos desse esporte em São Paulo. Certamente, não eram os únicos, e faziam parte de uma rede de relações que se desenvolveu junto com o futebol, recebendo influências diversas de uma série de agentes históricos.

Compreender a gênese do clube e os ideais por trás da fundação desse espaço foram essenciais para pensar também nas relações que ali se estabeleciam. O propósito de Nobiling era criar um clube irmão do Germania de Hamburgo, e apesar de ter sua proposta recusada quando da fundação do Sport Club Internacional, se manteve irredutível em seu ideal, buscando outras pessoas para fundar o Sport Club Germania, juntamente com os irmãos Wahnschaffe. Por se guiarem na ideia da relação com o seu local de origem, o clube tornou-se um dos espaços de sociabilidade da comunidade alemã na cidade de São Paulo.

Apesar de levar em seu nome o *Sport Club*, algo que denota a predileção pelos esportes ingleses, o SCG era um espaço restrito aos alemães e à comunidade teuto-brasileira. Verificou-se que a necessidade de compreensão do idioma alemão era um item de extrema importância, sendo segregador em termos de utilização dos espaços do clube, bem como a plena participação nas decisões votadas em assembleias. Acreditamos que essa “trava”, presente nos estatutos até a década de 1930, era fundamental para manter uma coesão de associados ligados à comunidade alemã. Apesar de não ficar claro, outros elementos no estatuto também convergiam para esse caminho, como, por exemplo, a necessidade de conseguir uma carta de apresentação de um sócio mais antigo para se associar ao clube.

Ainda nas origens do SCG, um tema, entretanto, não pôde ser abordado como gostaria neste trabalho: o amadorismo no esporte e a relação do clube com o advento da profissionalização, sobretudo do futebol. Acredito que, justamente por se pensar no esporte durante as primeiras décadas do século XX, essa temática acaba por ter grande importância na compreensão das relações do clube dentro das ligas e federações, uma vez que a profissionalização de atletas gerou rachas, discussões, além das extinções, fusões e surgimento de clubes. Em um trabalho mais extenso, esse elemento poderia ser melhor explorado,

compreendendo o que determinadas escolhas — no caso do Germania/Pinheiros, manter-se no amadorismo — significam para o clube e seus associados.

Na análise do prontuário do DEOPS-SP, chamou a atenção a agilidade no processo de nacionalização do clube, ocorrida nos primeiros meses de 1942. A rapidez com que o processo se deu causa estranheza, uma vez que desde o princípio, o Germania se situava como uma instituição alemã, fechada ao ingresso de associados brasileiros que não fizessem parte da comunidade teuto-brasileira. Esperava-se encontrar elementos que mostrassem grandes rupturas entre os associados, com oposições mais firmes ao processo. Claro, poderíamos supor que o interesse na rápida nacionalização, por parte da polícia, fosse justamente para afastar os alemães do clube. Entretanto, a partir da documentação que foi possível acessar, isso não foi visto. Membros da diretoria do período anterior à nacionalização se mantiveram presentes na política interna, como é o caso de Oscar Reynaldo Mueller Caravellas, chegando até a tornar-se presidente do clube.

O baixo interesse da polícia em manter o clube sob suas rédeas, em partes, contradiz algumas bibliografias, que apontam uma grande rede sistematizada de contraespionagem da polícia política. No caso do Germania/Pinheiros, os documentos presentes no prontuário do clube não mostram a existência de investigações mais complexas e apuradas dentro do clube. Ainda que em alguns momentos entre os anos de 1942 e 1945 a polícia tenha solicitado algumas informações da diretoria, elas sempre foram aceitas como verdadeiras pelos delegados.

Como vimos, a presença de pessoas ligadas ao Partido Nazista dentro do clube era notória, com diversas reuniões tendo o espaço da instituição como local de encontro desses elementos. Acredita-se, em partes, que essa adesão se deve ao perfil social presente no clube naquele período, focado nas classes médias e altas da comunidade teuto-brasileira. As bibliografias apontavam a liberdade que gozava o partido em solo brasileiro durante a década de 1930, ainda que não fosse um partido oficial e que disputasse eleições. Verificou-se, entretanto, que mesmo a partir da mudança na atuação do governo brasileiro em relação aos nazistas, a partir da entrada do país na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados, esse não foi um problema para a polícia política em relação ao clube. Foi possível observar que os autos presentes no prontuário do clube não apontavam um interesse em dismantelar possíveis redes de espionagem, ou mesmo reuniões entre pessoas que fizessem parte do Partido Nazista. É claro que, limitado pelas questões sanitárias que vivemos atualmente, pesquisas mais profundas não puderam ser realizadas. Seria interessante, a partir dos prontuários individuais, verificar realmente quais membros da diretoria, ou mesmo associados comuns, eram investigados pelo DEOPS-SP, e quais deles possuíam ligações com o governo alemão no período.

Por fim, há elementos que, em um trabalho mais extenso, também poderiam ser abordados. Um deles é a relação do clube com a memória do período de nacionalização. Henrique Villaboim, o interventor designado ao clube durante sua nacionalização, é lembrado de maneira positiva pelo clube, inclusive dando nome a um de seus ginásios. Seria interessante abordar esse tema para entender o que levou a esse caminho. Poderia ser uma forma de tentar apagar as relações com o Partido Nazista que ali existiram? Seria uma maneira de enxergar positivamente a nacionalização como importante para a continuidade do clube? Em outras instituições que passaram pelo mesmo processo, a nacionalização é trabalhada na memória de outras maneiras. É o caso da Sociedade Esportiva Palmeiras, antigo Palestra Itália, em que esse movimento é lido como de resistência e, ainda que a mudança de nome e o reforço dos laços com o Brasil sejam vistos positivamente, está sempre buscando reforçar suas origens italianas.

FONTES

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Ficha remissiva do Prontuário N.º 9.795 do DEOPS-SP, sobre Oscar Reinaldo Muller Caravellas

Ficha remissiva do Prontuário N.º 43.433 do DEOPS-SP, sobre Hans Dick.

Ficha remissiva do Prontuário N.º 46.916 do DEOPS-SP, sobre Hans Frederico Ludwig Rieckmann

Prontuário N.º 10.051 do DEOPS-SP, sobre Esporte Clube Pinheiros/Sport Club Germania

Jornais

Correio Paulistano, 01 jan. 1900, p. 2

Correio Paulistano, 08 jan. 1900, p. 2

Correio Paulistano, 03 out. 1903, p. 4.

Correio Paulistano, 13 fev. 1904, sem identificação de página

Correio Paulistano, 03 out. 1904, p. 2

Correio Paulistano, 10 de maio de 1908, p. 5.

Correio Paulistano, 10 dez. 1910, p. 5

Correio Paulistano, 06 de setembro de 1916, p. 3.

Correio Paulistano, 13 de abril de 1917, p. 3.

Correio Paulistano, 10 de novembro de 1917, p. 2.

Correio Paulistano, 29 de novembro de 1917, p. 4.

Correio Paulistano, 24 de abril de 1920, sem página indicada.

Correio Paulistano, 04 de março de 1921, p. 2.

Correio Paulistano, 24 de dezembro de 1926, sem identificação de página.

Correio Paulistano, 18 de março de 1942, p. 8

Correio Paulistano, 29 de outubro de 1942, p, 8.

Esporte Clube Pinheiros

Ata da primeira reunião do Conselho Deliberativo do Esporte Clube Pinheiros, realizada em 18 de abril de 1942. Disponível em: <<http://acervo.ecp.org.br/>>. Acesso em: 17 jan. 2021.

Comunicado do Sport Club Germania aos associados, com o título de “Gutachten”, datado de 12 de outubro de 1938. Disponível em: <<http://acervo.ecp.org.br/>>. Acesso em: 17 jan. 2021.

ESPORTE CLUBE PINHEIROS. **Germania-Pinheiros: mudando de nome sem perder a esportiva.** Revista Pinheiros, São Paulo, n.º 167, março, 2012.

ESPORTE CLUBE PINHEIROS. **Retrospectiva de exposições | Germania na Chácara Itaim – O Sonho realizado há 100 anos.** Disponível em: <<https://www.ecp.org.br/centro-pro-memoria-hans-nobiling-retrospectiva-de-exposicoes-germania-na-chacara-itaim/>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

Estatuto do Sport Club Germania, datado de 10 de dezembro de 1904. Disponível em: <<http://acervo.ecp.org.br/>>. Acesso em: 17 jan. 2021.

Legislações

Decreto-lei nº 383, de 18 de abril de 1938. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-383-18-abril-1938-350781-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 15 de julho de 2021.

Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 16 jul. 2021.

Diário Oficial do Estado de São Paulo, 03 de fevereiro de 1942. Disponível em: <<https://www.imprensaoficial.com.br/>>. Acesso em: 17 jul. 2021.

Diário Oficial do Estado de São Paulo, 07 de fevereiro de 1942. Disponível em: <<https://www.imprensaoficial.com.br/>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

Impressos

NOBILING, Hans. Primórdios e dados históricos da implantação do futebol em São Paulo. 1937. In: GAMBETA, Wilson Roberto. **Primeiros Passes: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918).** São Paulo: Ludens & Biblioteca Mário de Andrade, 2014.

RIBAS, M. G. **História do Esporte Clube Pinheiros**. São Paulo: Esporte Clube Pinheiros, 1969.

BIBLIOGRAFIA

ALONSO, Raíssa. **Ecos da resistência ao nazismo**: movimento dos Alemães Livres e Associação Democrática Alemã. São Paulo (1933-1950). Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. 217 f.

ALVES, Eliane Bisan. A comunidade alemã sob suspeita. *In*: CARNEIRO, M. L. T. (org.); DIETRICH, Ana Maria; ALVES, Eliane Bisan; PERAZZO, Priscila Ferreira. **Inventário DEOPS**: Alemanha, módulo I. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.

ALVES, Eliane Bisan. **Etnicidade, nacionalismo e autoritarismo**: a comunidade alemã sob vigilância do DEOPS (1930-1945). São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2006. 183 p. (Histórias da Repressão e da Resistência, 3).

AMGARTEN QUITZAU, Evelise; SOARES, Carmen Lúcia. **“A força da juventude garante o futuro de um povo”**: A educação do corpo no Sport Club Germania (1899-1938). Movimento (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 87-106, maio 2010. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/10554>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

ATIQUE, Fernando, SOUSA, Diógenes e GESSI, Hennan. **Uma relação concreta**: A prática do futebol em São Paulo e os Estádios do Parque Antarctica e do Pacaembu. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material [online]. 2015, v. 23, n. 1, pp. 91-109. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02672015v23n0104>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

AQUINO, Maria Aparecida de. **No coração das trevas**: o DEOPS/SP visto por dentro. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial. 2001. 207 p. (Dossiês DEOPS/SP. Radiografias do autoritarismo republicano brasileiro; volume 1).

BALDIN, Adriane de Freitas Acosta. **A presença alemã na construção da cidade de São Paulo entre 1820 e 1860**. 2012. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CALDAS, W. **Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro**. Revista USP, [S. l.], n. 22, p. 40-49, 1994. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i22p40-49. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26958>. Acesso em: 16 jan. 2021.

CARDOSO, José Luís. **A abertura dos portos do Brasil em 1808**: dos factos à doutrina. Ler História [Online], 54 | 2008, posto online no dia 03 fevereiro 2017. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lerhistoria/2342>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; STRAUSS, Dieter. **Brasil, um refúgio nos trópicos**: a trajetória dos refugiados do Nazi-Fascismo. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. 254 p.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O projeto integrado Arquivo/Universidade e o Acervo DEOPS. *In*: CARNEIRO, M. L. T. (org.); DIETRICH, Ana Maria; ALVES, Eliane Bisan;

PERAZZO, Priscila Ferreira. **Inventário DEOPS: Alemanha, módulo I.** São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (Org.). **A imprensa confiscada pelo DEOPS, 1924-1954.** São Paulo: Ateliê, 2003. 293 p. (Labirintos da memória)

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. (org.). **Tempos de fascismos: Ideologia–Intolerância–Imaginário.** SP: EDUSP, 2010.

CASTELLAN, Gláucia Rodrigues. Artesãos da subversão. **Os trabalhadores gráficos e o DEOPS: repressão e resistência durante a Era Vargas (1930-1945).** 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CUNHA, Moisés. **Os primeiros jogos do futebol brasileiro - de 1895 a 1902.** Campinas, SP: Moisés Henrique Gonçalves da Cunha, 2017.

DIETRICH, Ana Maria. O Partido Nazista em São Paulo. *In:* CARNEIRO, M. L. T. (org.); DIETRICH, Ana Maria; ALVES, Eliane Bisan; PERAZZO, Priscila Ferreira. **Inventário DEOPS: Alemanha, módulo I.** São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.

DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo tropical? O partido Nazista no Brasil.** 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10072007-113709/pt-br.php>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

DIETRICH, Ana Maria. **Caça às Suásticas: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política.** São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007. 388 p. (Histórias da Repressão e da Resistência, 2).

FRANZINI, Fábio. **As Raízes do País do Futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950).** Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GAMBETA, Wilson Roberto. **Primeiros Passes: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918).** São Paulo: Ludens & Biblioteca Mário de Andrade, 2014.

GAMBETA, Wilson Roberto. **A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895/1916).** 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.8.2014.tde-01102014-162931. Acesso em: 17 jan. 2021.

GERALDO, Endrica. **O "perigo alienígena": política imigratória e pensamento racial no governo Vargas (1930-1945).** Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2007.

GERALDO, Endrica. **O combate contra os “quistos étnicos”:** identidade, assimilação e política migratória no Estado Novo. *Locus: revista de história.* (Juiz de Fora). v.15, n.1, 2009, pp. 171-187.

GOMES, Angela de Castro. **A Invenção do Trabalho**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

GONÇALVES, G. H. T, ASSMANN, A. B., GINCIENE, F., BALBINOTTI, C. A. A. & MAZO, J. Z.. **Uma história do tênis no Brasil**: apontamentos sobre os clubes esportivos e seus métodos de ensino. *Educación Física y Ciencia*, 20(3), e057. Disponível: <<http://hdl.handle.net/10183/187941>>. Acesso em: 19 jun. 2021.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

KOSSOY, Boris; SOBRINHO, Fausto Couto; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). **PROIN: Projeto Integrado Arquivo Público do Estado e Universidade de São Paulo**: 10 anos de pesquisas Acervo DEOPS/SP. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. 74 p.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdU-ERJ, 2014.

MILLS, John Robert. **Charles William Miller**: 1894-1994, centenário. Price Waterhouse, 1996.

NAPOLITANO, Marcos. **A síncope das ideias**: a questão da tradição na música popular brasileira. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **A nação entra em campo**: futebol nos anos 30 e 40. 1998. 355 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

PANDOLFI, Dulce (orgs.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. 345p.

PANTOJA, Silvia. **Fernando de Sousa Costa**. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fernando-de-sousa-costa>> Acesso em: 15 jul. 2021.

PRIORE, Mary Del; MELO, Victor A. (orgs.). **História do esporte no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2009.

PERAZZO, Priscila Ferreira. Espionagem nazista e contra-espionagem policial. *In*: CARNEIRO, M. L. T. (org.); DIETRICH, Ana Maria; ALVES, Eliane Bisan; PERAZZO, Priscila Ferreira. **Inventário DEOPS**: Alemanha, módulo I. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.

PERAZZO, Priscila Ferreira. **O perigo alemão e a repressão policial no estado novo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999. 278 p.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 1998. 380f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de

Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280018>>. Acesso em: 16 jan. 2021.

RINKE, Stefan. **Alemanha e Brasil, 1870-1945**: uma relação entre espaços. História, Ciências, Saúde-Manguinhos [online]. 2014, v. 21, n. 1, pp. 299-316. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702014005000007>>. Acesso em: 09 ago. 2021.

SALUN, Alfredo Oscar. **Palestra Itália e Corinthians**: quinta coluna ou tudo buona gente? 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. *In*: FAUSTO, Boris (orgs.). **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SIRIANI, Silvia Cristina Lambert. **Os descaminhos da imigração alemã para São Paulo no século XIX**: aspectos políticos. Revista USP [Almanack Braziliense], n. 2 (2005), pp. 91-100. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alb/article/view/11621/13390>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

STREAPCO, João Paulo. **‘Cego é aquele que só vê a bola’**: o futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F. C. (1894-1942). 2010. 227 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.